



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (*1.º grau canónico*)

PATRICE AFONSO FERNANDO

**Catequese familiar no contexto da Igreja em
Angola**

**Dissertação Final
Sob orientação de:
Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues**

**Porto
2023**

ÍNDICE

RESUMO.....	2
SIGLAS E ABREVIATURAS.....	5
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1: CONCEITO DE CATEQUESE DE INICIAÇÃO.....	8
1.1. Conceito de Iniciação.....	8
1.2. O processo de iniciação entre os Kikongos	9
1.3. A catequese de Iniciação.....	14
1.4. As etapas do catecumenato	20
1.5. A Iniciação Cristã como obra de Deus	26
1.5.1. A missão da Igreja.....	27
1.5.2. A Catequese como Caminho de Formação Permanente	30
1.5.3. A Paróquia.....	32
1.5.4. A Família.....	34
1.5.5. A formação e dinamização de catequistas.....	34
1.5.6. Escolas, associações e movimentos laicos	35
1.6. Natureza e implicações da catequese de iniciação.....	36
1.7. A comunidade, lugar de anúncio da palavra e de vida	38
CAPÍTULO 2: A FAMÍLIA NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO DA FÉ	42
2.1. Família, comunidade de fé.....	42
2.2. A Família, lugar do primeiro anúncio da palavra	46
2.3. O Papel da Família.....	49
CAPÍTULO 3: LEITURA CRÍTICA DOS DOCUMENTOS DA CEAST SOBRE A PASTORAL CATEQUÉTICA.....	52
3.1. Situação sócio-geográfica de Angola.....	53
3.2. Breve narrativa da História da Evangelização de Angola	54
3.2.1. O Projeto catequético da CEAST.....	55

3.3. A Pastoral catequética e a formação de Catequistas.....	60
3.3.1. As escolas de Catequistas.....	62
3.3.2. Os Institutos Religiosos femininos e a Pastoral catequética	64
3.3.3. O programa das catequese intensivas e seus contornos.....	65
CONCLUSÃO.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

RESUMO

O trabalho que aqui apresentamos é fruto de uma reflexão sobre a missão da Igreja no mundo, missão deixada por Jesus Cristo que compromete a todos os batizados em anunciar o evangelho do Reino de Deus fazendo o que o Senhor ensinou e gerando novos discípulos a sua Igreja (Mc 16,15; Mt 24,14). Assim sendo, reconhecer o catecumenado como um processo metódico e tradicional da Igreja que permite uma caminhada com sustentação e convicção para a adesão à fé católica e, conseqüentemente, o criar bases para um verdadeiro discipulado, é o nosso esforço. Para que os sacramentos de iniciação cristã, que são a porta de entrada e compromisso de vida que incorpora em Cristo e a sua Igreja, sejam assumidos com seriedade implica necessariamente que eles sejam observados e com rigor.

Palavras-chave: Igreja, Família, instrução, catequese, catecumenato, evangelização, missão.

ABSTRACT

The work we present here is the fruit of a reflection on the mission of the Church in the world, a mission left by Jesus Christ that commits all the baptised to proclaim the gospel of the Kingdom of God by doing what the Lord taught and generating new disciples for his Church, (Mc 16:15; Mt 24:14). Therefore, recognising the catechumenate as a methodical and traditional process of the Church that allows a journey with support and conviction for adherence to the Catholic faith and consequently the creation of bases for true discipleship is our effort. For the sacraments of Christian initiation, which are the gateway and commitment to life, which incorporates into Christ and his Church, to be something taken seriously, it necessarily implies that it be observed and with rigour.

Key-Words: Church, Family, instruction, catechesis, catechumenate, evangelisation, mission.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AD	Ad Gentes
AM	Motu próprio Antiquum ministerium
CEAST	Conferência Episcopal de Angola e São Tomé
Cf	Conferir/Confrontar
CIC	Código de Direito Canónico
CCE	Catecismo da Igreja Católica
CT	Catecismo Tradendae
DC	Diretório de Catequese
DCE	Deus Caritas Est
DGC	Diretório Geral de Catequese
FM	Familiaris Consortio
GS	Gaudium et Spes
IMBISA	The Inter-Regional Meeting of the Bishops of Southern África (Conferência Inter-regional dos Bispos da África Subsariana)
LG	Lumem Gentium
SC	Sacrosantum Concilium
SPDU	Secretariado de Pastoral Diocesano do Uíge

INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui nos propusemos apresentar refere-se à catequese familiar no contexto da Igreja angolana. Como afirma o evangelista, “o povo que vivia nas trevas viu uma grande luz e aos que jaziam na sombria região da morte, surgiu-lhes uma luz” (Mt.4,16). Como se pode assumir a contemplação da grande luz que liberta da morte e faz ressurgir a vida? Somente graças a um processo progressivo se pode atingir a contemplação desta luz e este processo requer uma iniciação. Com esta articulação é necessário abordarmos sobre a iniciação catequética que nos remete à iniciação cristã, objeto do nosso estudo.

Pretendemos refletir sobre a experiência que Igreja fez no cumprimento do mandato do Pai ao seu Filho Jesus Cristo, na ação do Espírito Santo, para realização da missão redentora da humanidade. Importa considerar a catequese de iniciação cristã como um processo, uma dinâmica de evangelização cujo método tem dado sentido e fundamento à catequese da Igreja.

A reflexão assim pretendida inclui a consideração da questão da família que desempenha um papel muito importante na sociedade de todos os tempos; família que é o lugar do testemunho da fé. Toda a tentativa de qualquer humanização da sociedade passa por uma definição mais abrangente sobre a família por se reconhecer esta entidade como sendo prioritária. É ela que forma o carácter e indica o sentido da vida aos membros que dela nascem e constituem a sociedade. Não podemos não considerar na nossa reflexão um lugar de destaque para a família que nos constitui como tal membros de uma sociedade, de um povo ou de uma nação. Ao reconhecermos o seu lugar na história das sociedades lhe conferimos, sim, a categoria de lugar de vida e de testemunho de fé, que deve ser o lugar de amadurecimento espiritual de cada membro.

Mas queremos aterrar a nossa reflexão sobre uma Igreja concreta, a Igreja de Angola, para reconhecermos o caminho que a Igreja fez no cumprimento da sua missão evangelizadora neste território. Uma vez que a missão evangelizadora se constitui razão de ser da própria Igreja, podemos ver que métodos e caminhos traçou nesta parcela da Igreja universal. Vamos reconhecer a criação da primeira Diocese do Kongo em 1596, reconhecer o esforço de várias entidades muitas delas anónimas que tudo fizeram para que o processo se desenrolasse da melhor maneira possível. Vários grupos religiosos e

seculares, catequistas e leigos que arrastados pela força da história, e de uma história que se articula com a colonização. O evangelho, em 1482-1483 entra em Angola, onde compactua com um povo religioso e lida com cristianismo numa dinâmica circular de purificação.

Veremos a preocupação da Igreja criada neste território, faremos uma leitura e consideração dos vários documentos da CEAST, que demonstram a preocupação na implantação e manutenção da fé implantada. Veremos sobretudo como o processo catequético assumido pela Igreja universal continua a ser o caminho seguro na transmissão e enraizamento da fé cristã católica.

CAPÍTULO 1: CONCEITO DE CATEQUESE DE INICIAÇÃO

Falar do conceito de iniciação catequética, no âmbito do processo de iniciação cristã, implica começar por compreender o aspeto etimológico do conceito «iniciação» nas suas variadas perspetivas, para atingirmos com maior clareza e abrangência ao seu significado e ao nosso objetivo.

Nesta reflexão pretendemos reviver e abordar a experiência da missão evangelizadora da Igreja, que se justifica no mandato do Pai ao seu Filho Jesus Cristo e no envio do Espírito Santo, para a realização da missão salvífica que continua com os seus discípulos em todo mundo. Queremos olhar para a catequese (de iniciação) como um processo de evangelização, uma missão que é a missão do Filho e que confia a continuidade da mesma aos seus discípulos por meio do Espírito Santo. Assim, Jesus é o primeiro protagonista da evangelização e o seu método de evangelização dará sentido e orientação a catequese de todos os tempos.

1.1. Conceito de Iniciação

O termo foi introduzido no contexto cristão por analogia e o significado que dele deriva, aponta para o sentido de morrer para um tipo de vida e nascer para outro, pelo que o termo Iniciação Cristã é de origem pagã¹. Desta feita, assumir-se como cristão implica desfazer-se radicalmente de tudo o que antes se tinha como fundamento e passar a viver segundo esta vida nova em Cristo; é um morrer para o mundo e deixar-se conduzir por Cristo (cf. Col 3,1-10).

A concretização desta realidade «Iniciação», foi originalmente utilizada em grupos não cristãos com o objetivo de preparar, instruir e introduzir o adolescente ou o jovem numa etapa nova e decisiva da vida, passando a ser considerado como indivíduo integrante da comunidade, com os direitos e deveres que a maturidade lhe confere. É um fenómeno originalmente de carácter antropológico já que em todas as estruturas humanas

¹ Cf. E. Lodi, «Iniciacion – Catecumenado», em *Diccionario Teologico Interdisciplinar*, ed. L. Pacomio, G. Ferretti, G. Ghilberti, G. Moioli, D. Mosso, G. Piana, L. Serentha, vol. 3 (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982), 146.

encontra-se esta preocupação em introduzir os seus novos membros na dinâmica da vida familiar e comunitária.

Para tal, existem um conjunto de ritos e metas que gradualmente se processam, e não basta ter nascido em determinado grupo social, é também importante e fundamental que após o nascimento, o indivíduo atingindo uma certa idade seja integrado de forma gradual ao mesmo grupo e assuma a responsabilidade de membro com direitos e obrigações em vista a cooperar na perpetuação existencial do grupo.

Para os povos africanos, em geral, este processo tem uma significação peculiar que não é simplesmente uma obrigação da família restrita, mas uma responsabilidade da própria comunidade que se organiza, dita regras e realiza o processo completo, que começa com a separação e o retorno a comunidade.

Esta abordagem, permitirá fazer um enquadramento do processo de iniciação nos povos de Africa, nalgumas tribos de Angola e em particular no povo bakongo, numa tentativa de compreensão do significado que tem este processo para os povos e analisar os vários elementos que podem ser integrados na conjuntura do processo de iniciação e que se abrem para a inculturação.

A iniciação, considera-se ser um processo muito comum nos povos indígenas e tradicionais africanos, e uma vez que o nosso contexto de estudo se orienta para a situação concreta de Angola, há um conjunto de procedimentos e objetivos que convergem na sua essência e ajudam a compreensão da natureza da iniciação cristã, desde um olhar que parte da iniciação tradicional kikongo.

1.2. O processo de iniciação entre os Kikongos

Olhando a questão acima exposta, na sua dimensão contextualizada, ela apresenta-se como um conjunto de ritos e técnicas que transformam o jovem, só por eles, as crianças se tornam social, política e religiosamente, em homens iniciados na virilidade². Por meio deste fenómeno, a criança deixa definitiva e irremediavelmente a infância, para passar à plenitude de homem. Com eles finaliza uma fase da vida e começa a definitiva, que se fundamenta numa renovação interior e na aquisição de nova qualidade de vida, transformadora do ser, conseguidas pelo drama vivido de morte-ressurreição³.

² Cf. Raul Ruiz de Asúa Altuna, *Cultura tradicional Bantu* (Portugal: Paulinas, 2014), 282-283.

³ Cf. Altuna, *Cultura Tradicional Bantu*, 283.

Consideramos a existência de dois momentos muito ligados e importantes no processo da iniciação dos jovens no contexto do povo kikongo em particular e africano em geral. Num primeiro momento, acontece que se retira o indivíduo (rapaz ou menina) do ambiente familiar - uma separação que por si só é dolorosa e que «simboliza também um aspeto de morte»⁴. Nisto, se dá um corte umbilical com a família, do ponto de vista afetivo; e é a partir daqui que começa a efetivar-se a ruptura com o passado. O iniciado é conduzido a um lugar desconhecido por ele, onde se realizará todo o rito que, dependendo da região pode variar o tempo, entre três ou seis meses. Trata-se de um momento completamente singular, desprovido de afeições e totalmente dedicado à instrução, e «a separação carregada de emoções, receio, mistérios e de certa brusquidão, leva a criança-adolescente a um estado fetal, a separação e é uma regressão com ruptura total»⁵.

O segundo momento, é considerado como um verdadeiro renascimento, um momento duro, momento em que se depende de um grupo de instrutores – homens (para os homens) e mulheres (para as mulheres) - cuja finalidade vai ser, única e exclusivamente, fazer uma experiência de vida comum para se instruir e educar os candidatos com ações práticas sobre tudo o que é vital. Não é permitida por nenhum motivo a intromissão de estranhos neste ambiente. Abordam-se todas as questões da vida e se fazem sobretudo muitas privações para que a habilidade e a destreza se incorporem na mente e na estrutura dos iniciados. Só dentro desta lógica de (re)nascimento e integração se justifica o processo de iniciação que se pode verificar em quase todos os grupos sociais.

São submetidos a experiências difíceis, com ritos próprios como o da nudez, para significar ruptura com o passado, e o assumir-se numa nova gestação que resulta em nascer de novo; passar por frio e por várias intempéries do ambiente circundante, na busca permanente de soluções. Cada qual na sua especificidade, adestrar-se e capacita-se com o objetivo de estar habilitado para os desafios da vida e da conservação da vida, dentro da comunidade.

O modo como entre os kikongos se processa, a iniciação parece-se em muitos aspetos como um sacramento que põe o homem em contacto com o transcendente, quer porque lhe revela parte do sagrado pois, o iniciado conhece os mistérios, quer porque

⁴ Altuna, *Cultura Tradicional Bantu*, 283.

⁵ Altuna, *Cultura Tradicional Bantu*, 284.

sacraliza-se o homem ou mulher⁶. Reafirmar que em Angola, os ritos de iniciação, são «um fenómeno muito comum em várias tribos e ainda hoje usual para os kikongos, Ganguela, Tchokwe, Nhaneca-Humbe, Ambó»⁷.

Nesta abordagem importa sublinhar o aspeto comunitária na envolvência destes ritos que demonstra ser um compromisso da comunidade que incorpora efetivamente o individuo passando a ser um membro maduro. Por isso «na iniciação as sucessivas etapas da vida da pessoa, adquirem uma importância constitutiva fundamental e sem ela, a pessoa não se realiza, só ela a situa no lugar religioso, social e ético exato, e a torna apta para os seus direitos, e responsabilidades, permite movimentar-se sem traumas, e com eficácia na pirâmide vital interativa»⁸. Permite reconhecer a preocupação, e o papel que a comunidade tem em especificar a formação dos dois géneros, mas em contextos educacionais completamente diferentes cujo substrato nuclear será sempre o processo introdutório nos «mistérios» da realidade cultural e o no perfil do grupo em vista a manutenção e sustentação da vida⁹.

A comunidade, na cultura kikongo exerce um papel fundamental e possui um conjunto de valores que só os transmite em «segredo» àqueles que são iniciados. Por isso os segredos do grupo, não se pode facilmente especular e impõe-se um juramento em manter o sigilo em grupo e o grupo proporciona uma mística própria que incorpora a unidade estável do mesmo.

Para os kikongos, em geral, a tribo e a comunidade familiar, são sobretudo uma unidade moral que se nutre do sentimento de possuir em comum a mesma cultura, idêntica língua e uma semelhança genealógica, ainda que seja remota ou exclusivamente mítica¹⁰. Aqueles que participam do rito, ficam de tal maneira unidos uns aos outros, até ao ponto de estabelecer um laço de irmandade muito forte e característico, onde impera sempre a proteção e o cuidado mútuo. O pensamento bantu (kikongo), considera outro sim, a iniciação como um processo não acabado, uma vez que a vida na sua progressiva maturação, é um processo em realização, por isso, a partilha de experiência entre os membros é uma formação permanente.

⁶ Cf. Placide Tempels, *La Philosophie Bantue* (Paris: Présence Africaine, 1962), 122.

⁷ Altuna, *Cultura Tradicional Bantu*, 294.

⁸ Altuna, *Cultura Tradicional Bantu*, 278.

⁹ Cf. Altuna, *Cultura Tradicional Bantu*, 293.

¹⁰ Cf. Manuel Nunes Gabriel, *Angola Cinco Séculos de Cristianismo* (Braga: Literal, 1978), 33.

A iniciação assume, um lugar integral e não parcial, não apenas no aspeto de fecundidade matrimonial, mas na constituição formativa integral do homem, tendo em conta que os aspetos naturais e humanos se ligam aos espirituais, onde existe uma ligação efetiva com os antepassados¹¹. Todo este processo se realiza por etapas que têm tempos definidos.

Considerar que, entre os valores primordiais para os quais é preciso lutar e conservar, está a vida que não é apenas a vida física, mas aquela que se prolonga no além; por isso o reconhecer que em todos os ritos de iniciação africanos, é dominante o aspeto da valorização dos antepassados como intercessores sempre atuais na vida da comunidade e com os quais se deve estabelecer uma relação e prestar honra e culto¹².

No processo de iniciação fala-se de tudo, da vida e da morte, perspectiva-se a esperança da comunidade e promete-se lutar até dar a vida para que ela seja defendida das doenças, das pestes, dos inimigos, etc. É um processo que leva mesmo a se considerar como um renascer e «a partir deste momento os que dele participam recebem um novo nome, que corresponde a sua nova personalidade e que ninguém conhecerá fora dos seus companheiros»¹³. E só depois disto, isto é, desta reformatação, é que o indivíduo poderá ser reintegrado na comunidade onde entrará já não como um menino/menina, mas como um homem/mulher prontos, para os verdadeiros desafios da vida, tendo esquecido o passado e desafiados por um novo compromisso. São os novos membros com os quais a comunidade passa a confiar e contar. Terminado este período de formação, o espaço em que se realizou a formação deve ser queimado e esquecido, torna-se um lugar de morte, onde não mais se poderá voltar, que jamais se recordará, agora é nova vida, o que ficou morreu, o passado está enterrado.

A saída deste processo garante uma personalidade nova, capaz de constituir família e gerir com suas próprias forças, o que leva deduzir que a «iniciação», em África, é uma autêntica academia de instrução tradicional para a vida e ninguém poderá ser admitido à comunidade sem os códigos de leitura dos sinais que regem a sua vida e que só ali se adquirem. O iniciado está em condições de se chamar homem ou mulher, pois a

¹¹ Cf. Altuna, *Cultura Tradicional Bantu*, 289-292.

¹² Cf. Gabriel, *Angola Cinco séculos de Cristianismo*, 36.

¹³ Altuna, *Cultura Tradicional Bantu*, 286.

transformação que sofreu lhe conferiu a dignidade e a postura de pessoa, com direitos e deveres, já não assegurados pelo estatuto do pai ou da mãe.

Segundo esta fonte, «nalgumas sociedades, principalmente africanas, o ponto culminante do processo de transição da adolescência para a idade adulta consiste na circuncisão»¹⁴. De facto, muitas vezes tendeu-se a confundir circuncisão com iniciação. Importa salientar que iniciação é um processo de inculturação em que o jovem é adestrado para assumir a integração na comunidade, e se compromete em protegê-la e fazê-la crescer, enquanto a circuncisão é momento ou um elemento integrante do processo de iniciação, mas não o processo em si. Importa lembrar que podemos encontrar outros grupos e sociedades que realizam a circuncisão por outros motivos, que podem ser religiosos como os judeus, ou simplesmente por motivos higiénicos.

Os jovens, homens ou mulheres, que passam pelo processo de iniciação, têm que mostrar com atitude o perfil que os classifica capazes de assumir as responsabilidades adultas que a comunidade lhes pede e ser continuadores, procriadores e sustentáculos de fecundidade e valores do grupo. A maior preocupação da comunidade se centra em instruir os jovens para serem os promotores da continuidade da vida da comunidade no tempo.

A par destas considerações analisadas no âmbito dos povos africanos devemos considerar que ao processo de «iniciação» fazem parte todos os povos, com maior ou menor incidência. Hoje verifica-se a existência da mesma realidade, mas de forma muito subtil, menos ritualismo e novas formas de se fazer, onde o pano de fundo continua a ser a instrução para a integração e assunção dos valores da comunidade, bem como o ingresso num novo período/etapa da vida. Mesmo em contextos não africanos, «nas zonas rurais continuam a vigorar padrões de comportamentos locais, como a entrada para a mocidade, que implica pagar determinada quantidade de vinho aos que já fazem parte dela»¹⁵.

Entretanto, o modernismo com a sua uniformização cultural e com o aglomerado populacional em cidades, nota-se um gradual efeito devastador desta realidade que no ocidente, eram consideradas momentos e etapas de passagem e de integração nas diversas

¹⁴ José Pereira Neto, «Iniciação», em *Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura*, ed. António Pereira Dias Magalhães, Manuel Alves de Oliveira, vol. 10 (Lisboa: editorial Verbo, 1970), 1475-1476.

¹⁵ Neto, «Iniciação», 1492.

estruturas da sociedade. Importante será estudar que novo paradigma, que novos modelos, respondem a esta nova realidade do mundo de hoje.

1.3. A catequese de Iniciação

O sentido amplo do termo iniciação, assinala para «o processo de aprendizagem e (ou) interiorização progressiva, ao conhecimento de uma teoria (doutrina), ou de uma prática de vida; podendo também designar assimilação por parte de uma pessoa, as crenças, normas, valores, comportamentos e ritos de um determinado grupo social»¹⁶. Esta ideia foi demonstrada por nós na reflexão sobre as religiões tradicionais africanas primitivas e ainda atuais, de modo particular nas várias regiões de Angola e no povo Kikongo.

Assentes nesta conceção cultural diferenciada, poderemos agora falar da iniciação cristã como convém, entendê-la como uma aquisição que o cristianismo faz para si, enquanto método didático e servindo-se desta analogia, integrar o processo de inserção dos novos membros na grande família que é a Igreja.

O cristianismo no seu processo de maturação histórica, foi assumindo como é natural um conjunto variado de ritos e formas naturais concernentes a culturas do tempo em que viveu e as circunstâncias por onde passou, ritos e costumes tradicionais que progressivamente foi purificando e configurando ao projeto do Evangelho. Excluir tudo aquilo que se opunha as verdades da fé e criar uma consciência clara e esclarecida à luz do Espírito Santo para se verificar o que é digno e indigno do próprio ser cristão. De facto, «a iniciação cristã tem Deus na sua origem, no próprio projeto divino que, supõe a livre decisão da pessoa que se converte ao Deus vivo e verdadeiro com a graça do Espírito Santo e pede a inserção na Igreja»¹⁷. Pelo que, não há um rito pré-estabelecido desde as origens mas seguindo os dados da Revelação, e aceitando o caminho que se faz à luz da experiência com o próprio Deus, guiado pelo Espírito e atualizado no tempo histórico concreto se foi estruturando, na lógica do mandato do Senhor.

¹⁶ Conferencia Episcopal Española, *La Iniciación Cristiana: reflexiones y Orientaciones* (Madrid, 1998, accedido a 5 de abril de 2022), 11.

¹⁷ Alberch Emílio, *Catequese Evangelizadora: Manual de Catequética Fundamental* (São Paulo: editora salesiana, 2007), 36-37.

O facto é que a iniciação cristã implica uma maneira nova de ser, abandonar e desfazer-se de toda a crença antiga, é um compromisso que implica a vida na sua plenitude. Realiza-se por meio de três sacramentos, batismo, confirmação e eucaristia, que são os alicerces de toda a vida cristã; renascidos para uma vida nova que se adquire pelo batismo, os fiéis são efetivamente fortalecidos pelo sacramento da confirmação e recebem a Eucaristia, pão da vida, e com os sacramentos da iniciação cristã os fiéis recebem a riqueza de uma vida divina que avança na perfeição da caridade (cf. CIC 1212). Por isso, nesse processo incluem-se todos os sacramentos como sendo um caminho único de perfeição, um caminho que começa com a iniciação cristã, mas que se prolonga na vivência dos outros sacramentos que tem em vista uma vida efetiva. Os sacramentos da nova lei foram instituídos por Cristo e são em número de sete, a saber: o batismo, a confirmação, a eucaristia, a penitência, a unção dos enfermos, a ordem e o matrimónio e eles conferem nascimento e crescimento, cura e missão à vida de fé dos cristãos (cf. CIC 1210).

Para tal, importa considerar o lugar de destaque que ocupa a Palavra de Deus neste processo. O Vaticano II considera a formação integral do indivíduo, partindo do texto da Sagrada Escritura, que é a fonte primeira: «Reconduzir a catequese à primeira fonte da Palavra de Deus, redescoberto na Bíblia»¹⁸.

Tudo se encaixa na reflexão que parte da Palavra de Deus. Nela (Palavra de Deus) se esclarece, como Deus faz um caminho com o seu povo, um caminho onde se desvenda progressivamente e se dá a conhecer na história concreta do povo.

Concretamente, «a Iniciação Cristã é o processo no qual alguém se faz cristão através da aprendizagem global da vida de fé, realizada eclesialmente por meio dos três sacramentos: batismo, confirmação e eucaristia»¹⁹.

Após a ressurreição, e nas subseqüentes aparições, Jesus deixa um mandato imperativo aos seus apóstolos, a cumprir-se até à sua vinda, no fim dos tempos (cf. Mt 28,19-20). Nestes versículos de Mateus, e em vários textos sinópticos e nas cartas de São Paulo, encerra-se toda missão que a Igreja ao longo dos séculos, terá de implementar. A Igreja caminha no tempo, ensinando e fazendo discípulos com a autoridade que lhe vem do próprio Senhor, e «se a missão de Jesus foi tornar vivo e presente o reino de Deus, a missão da Igreja não pode ser outra, a do seu Mestre e Senhor de quem recebe a missão

¹⁸ Miguel Paya Andres, *A Paróquia, comunidade Evangelizadora: Curso de renovação paroquial* (Évora: Centro social Paroquial de S. Brás, 1990), 63.

¹⁹ Lodi, «Iniciación – Catecumenado», 147.

de Evangelizar»²⁰. Diante da missão recebida, a Igreja é desafiada a constituir-se como sinal e instrumento de evangelização. Com a devida pedagogia, atualizada através dos tempos e contextos, e em ritmo constante de renovação e inculturação, anunciar o Evangelho, a boa nova de Deus para a humanidade.

É importa sublinhar que por quanto queiramos esclarecer o processo de iniciação catequética com a devida importância que damos a abrangência do termo iniciação e as suas implicações como fenómeno antropológico que permite a iniciação e inclusão dos novos membros aos grupos sociais, a dimensão e estrutura catequética na sua génese enquanto missão evangelizadora, encontra sua razão de ser expressa nos Evangelhos e sobretudo nos sinóticos com maior realce em Marcos²¹.

O evangelho de Marcos e todo a sua teologia apresenta esta dinâmica onde «a iniciação cristã deve ser encarada como obra divina e humana»²². Divina enquanto projeto da vontade deliberada do próprio Deus que envia o seu filho que por vez envia os Apóstolos, guiados e orientados pelo Espírito Santo.

Esta consideração tem sua razão de ser e para tal o cristianismo assumiu a mesma dinâmica na integração dos seus novos membros e desde os primórdios, servindo-se do mandato do Senhor, (cf. Mt 28,16-20; Lc 16, 15-18) os apóstolos assumiram a tarefa fundamental do anúncio, um anúncio que passa pela conversão de si mesmos e de quantos cruzassem o seu caminho e a sua história. Uma conversão que leva ao batismo em nome de Jesus como uma tradição de vida, que fundamentada através da sua doutrina, vida e culto, se transmite de geração em geração. Podemos considerar este facto, expresso na própria consciência que a Igreja tem da sua missão, não como sua protagonista, mas continuadora da missão do Filho. O mandato do Senhor assumido pelos Apóstolos e seus sucessores concretiza-se na Igreja que desempenha como dom e intermediária do mesmo dom, guiada pelo Espírito Santo (DV 8).

A realização desta missão passa em primeiro lugar e fundamentalmente pelo anúncio do Evangelho, que se realiza e integra a celebração dos sacramentos como vida vivida em comunidade.

²⁰ Secretariado Diocesano da Educação Cristã do Porto, *Curso de Iniciação à Catequese* (Porto: SDEC, 2007), 31.

²¹ Cf. José Carlos Silva Carvalho, «O Catecumenato no Evangelho de Marcos em Perspetiva teológica», *Belo Horizonte*, vol. 3, n. 2, (2021), 491.

²² Cf. Conferencia Episcopal Española, *La Iniciación Cristiana*, 7.

A aceitação do cristianismo no mundo hebraico/romano, foi um processo muito difícil, já que o cristianismo, era considerado uma seita, cheia de muita desconfiança. Com a morte de Estevão e a perseguição séria aos cristãos, a difusão do cristianismo se espalhou silenciosamente e um dos problemas que facilmente se levantou e resultou em conflito foi o conciliar costumes e a coabitação.

A perseguição permitiu que o cristianismo chegasse facilmente à capital do império. Pedro e Paulo chegam a Roma e tornam-se ali as referências mais importante do cristianismo, mas o cristianismo sofre várias acusações: de canibalismo, incestos etc. O próprio império romano acusa este novo grupo de ateísmo já que não adora o sacrifício feito ao imperador e a acusação final foi o ódio contra o gênero humano. Mas há uma outra perseguição além desta de fórum externo, e podemos considerar a mais difícil de digerir; a das heresias. As heresias surgidas muitas vezes por causa da interpretação dos dados de fé, sob pontos de vista muito subjetivo, provocavam rotura à unidade da fé e desintegravam a comunidade. Estas sim, podemos considerar também, como uma espécie de perseguição constante à vida do cristianismo por um lado, mas também a abertura à reflexão e ao estudo sobre as verdades da mesma fé.

Considerar o facto de que na vida da própria Igreja, a medida que entravam novos membros e com uma certa cultura diferente foi surgindo a necessidade de conciliar ideias e estruturar linhas de pensamento, já que cada um vinha com a sua experiência e carga cultural; em muitos casos se tornou ocasião de muitas e longas controvérsias, que por sua vez se converteram em questões de estudo como os grandes temas do dogma trinitário, cristológico, eclesiológico, antropológico, escatológico²³. Foi por isso que perante a multiplicação de entrosamento de ideias e acusações que levavam a heresias e ao desprestígio do cristianismo, surgiu a apologética como uma forma de escrever, refutar todas as acusações e posições que se apresentavam contra o cristianismo e as verdades da fé. Porém, estas mesmas ideias enquanto questões que se referem a fé expostas pelos hereges com intenção astuta, são examinadas mais diligentemente, mais claramente compreendidas, mais insistentemente pregadas de modo que a questão levantada pelo adversário se torne uma ocasião para aprender²⁴.

²³ Cf. António Bollin, Francisco Gasparini e Georgino Rocha, *Catequese na vida da Igreja: Notas de História* (Lisboa: Paulinas, 1996),13.

²⁴ Cf. João Baptista Lourenço Insuelas, *Curso de Patrologia: História da Literatura Antiga da Igreja* (Braga: Escola tipográfica das Oficinas de São José, 1943), 49-50.

A situação assim apresentada numa conjuntura de conflitualidade interna e externa no surgimento do cristianismo, permite considerar²⁵ que não existia até à segunda metade do século II, uma estrutura organizada para a integração dos novos membros à comunidade cristã, uma instituição catequética. Entretanto, podemos observar que no meio desta realidade, o cristianismo começa a fazer um caminho de catequese e de pregação, atingindo grupos direcionados e com focos bem orientados²⁶. E nisto podemos afirmar que, assim como o próprio cristianismo se vai instalando e estruturando, assim também o processo catequético se vai configurando à realidade dinâmica, já que esta é indissociável do ser do cristianismo. Os métodos, e o modo de organização, estes sim sofrem gradual crescimento, mas já lá estão desde as origens.

O próprio ensino dos apóstolos manifesta-se desde já como preocupação e instituição de anúncio do kerigma, preocupação atenta aos diferentes focos de comunidades existentes, e por isso os Evangelhos e as cartas se dirigem a comunidades concretas e com problemas concretos, tentando responder e propor um caminho de adesão e de reconhecimento, de aceitação do Evangelho de Cristo. No seu Evangelho, São Mateus (cf. Mt 28,19-20) enfatiza a razão da sua missão; razão essa, que se tornará a chave da missão. O livro dos Atos dos Apóstolos, apresenta-se como o Evangelho da vida, que com o seu testemunho e com a sua ação interpela e anuncia o Jesus vivo e ressuscitado no meio do Seu povo.

São Paulo no seu método de evangelização, apresenta-se de forma eloquente como centro da catequese. O seu pensamento sistematizado, sublinha o desejo do homem na procura de Deus, que só o pode atingir por meio de Jesus Cristo, graças à Sua redenção. Manifesta aquele que será o caminho a percorrer, ao longo de toda história. Caminho demonstrado já em São João, que Jesus é o Messias (cf. Jo 20-31). Este projeto assim arquitetado, vai condicionar o homem à conversão ao Evangelho, deste condicionalismo, «o anúncio será assim a primeira fase, a porta que desperta nos ouvintes o chamamento de Deus» (DGC 63).

O abraçar a vida cristã, exigia desde os primórdios uma caminhada de iniciação entendida como um processo gradual e progressivo (cf. DGC 90). Assim se fala de anúncio e da aceitação do mesmo anúncio, convertendo-o em vida concretizada na celebração dos sacramentos. Observa-se desde já a fina relação que se estabelece entre catequese - anúncio e iniciação cristã - e celebração dos sacramentos (cf. DGC 66).

²⁵ Cf. Bollin, Gasparini e Rocha, *Catequese na vida da Igreja*, 15.

²⁶ Cf. Bollin, Gasparini e Rocha, *Catequese na vida da Igreja*, 15-17.

Mas é sobretudo com os padres apologistas que podemos falar de «um processo de iniciação cristã, um catecumenato estruturado, uma vez que na tentativa de justificar a fé perante os pagãos como já referido, organizavam e expunham um processo de iniciação comparada aos ritos pagãos»²⁷, mas cuja finalidade era levar ao conhecimento e adesão aos mistérios de Cristo. «Os padres apologistas falam na perspectiva da adesão ao Evangelho de Cristo, na revelação, o que implicaria uma conversão aos mistérios divinos e uma profissão de fé, uma participação ativa na comunidade»²⁸, onde o Evangelho é a base fundamental para o kerigma, anúncio da fé em Jesus Cristo, Salvador da humanidade. Queremos aqui entender a preocupação por aquela que se chamou a «catequese mistagógica»²⁹, que partindo dos textos bíblicos e depois a celebração dos sacramentos, se clarificam o sentido dos sacramentos(ritos) em continuidade a obra da criação. Pela Sagrada Escritura se lhes narra a evolução da história do mistério de Cristo que aparece como continuação do projeto de Deus já descrito desde o Antigo testamento e atualizado em Cristo na nova aliança³⁰. O Catecumenato, em suma, é uma ação missionária da Igreja onde, com muita seriedade e serenidade, se expõe aos fiéis o anúncio do mistério kerigmático fundamentado na revelação a apontar para Cristo como a razão de ser do cristão.

Quem quisesse ser batizado, era assumido pela comunidade, instruído pelas propostas do Evangelho, e era admitido ao catecumenato.

Neste processo de caminhada catecumenal, podemos distinguir quatro tempos e três graus a saber: o tempo pré-catecumenal - considerado como a primeira evangelização, onde se realiza o grau de admissão ao catecumenado; o segundo, tempo catecumenal - um período de catequese completa e com o segundo grau e onde ocorre o rito da eleição; o terceiro tempo, de purificação e iluminação- em ordem a celebração dos sacramentos, neste terceiro grau se recebem os sacramentos da iniciação cristã (batismo, confirmação e eucaristia); e por fim o quarto tempo que é a mistagogia – experiência dos sacramentos e da vida em comunidade. Estas quatro realidades pertencentes à mesma verdade, a mesma fase, preparam aos sacramentos da iniciação cristã. Se recorrermos aos escritos neotestamentários encontraremos estes quatro momentos que caracterizam a tradição do anúncio cristão, a saber.

²⁷ Lodi, «Iniciación – Catecumenado», 147-148.

²⁸ Bollin, Gasparini, Rocha, *Catequese na vida da Igreja*, 43- 44.

²⁹ Bollin, Gasparini, Rocha, *Catequese na vida da Igreja*, 41.

³⁰ Cf. Joaquim Carreira das Neves, *A «catequese» como Chave Hermenêutica dos Evangelhos Sinópticos*, em *Didaskalia*, 28 (2), (1998), 96.

1.4. As etapas do catecumenato

O processo de formação cristã passa por quatro etapas substanciais que interligados, se tornam a chave para uma adesão sincera e radical do compromisso com Cristo e com a Igreja.

Entende o primeiro anúncio, kerigma, palavra de origem grega com o significado de proclamação de uma boa notícia, um Evangelho com a finalidade de despertar a fé e criar unidade e participação na comunidade; um tempo que vai entre ele e o catecumenato³¹ e como tal «orienta-se aos que não acreditam, é um convite a conhecer Jesus, a sua mensagem e o essencial da fé: Jesus Cristo venceu a morte, e ressuscitando, comunica aqueles que nele creem, a vida nova, a salvação»³². É um momento do primeiro contacto, onde o objetivo é transformar o pagão em candidato ao batismo, em catecúmeno da Igreja e isto faz do catecumenato um momento singular de evangelização, não podendo haver evangeliza sem catequese ou entender a catequese como o primeiro passo no processo de evangelização³³. A comunidade tem a missão de anunciar com a vida e com testemunho, e o candidato procura o encontro com Cristo (cf. RICA7).

A pregação do evangelho chega ao ouvido, suscitando, estimulando e apontando à Jesus, numa forma de primeiro anúncio como já referido (DGC 102). Esta etapa, sendo a primeira, tem uma função peculiar porquanto estimula e aponta a necessidade de reconhecer em Jesus aquele que vem revelar os mistérios de Deus, vem responder às provocações íntimas do ser humano na e dar sentido à própria vida. Por isso, «a Sagrada Escritura e sobretudo os padres da Igreja designam a revelação com a palavra grega «*Mysterium*» -mistério ou então latina «*Sacramentum*» - sacramento, para indicar a ação divina para a salvação dos homens que se consuma numa visibilidade terrena e histórica, onde a revelação, é um sacramento, um mistério»³⁴. Só quando o homem reconhece nesse anúncio o caminho que leva à própria realização é possível fazer o passo consequente de adesão e de permanência na escolha assim assumida.

A propósito da importância deste momento, o Papa Bento XVI na encíclica «*Deus Caritas est*» assinala o seguinte que «ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou

³¹ Cf. Arnaldo de Pinho, *Reiniciação Cristã de Adultos, teoria e Praxis*, em *Humanística e Teologia*, 147.

³² Comissão Episcopal da Educação Cristã, *Curso de Iniciação*: livro do formando (Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 1999), 21.

³³ Cf. Pinho, *Reiniciação Cristã dos adultos*, 157.

³⁴ Instituto Superior de Catequética de Nimenga, *Bases para una Nueva catequesis* (Salamanca: Ediciones Segueme, 1973), 31.

uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá a vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo, um rumo decisivo» (DCE 5). De facto, num modo simples e claro, manifestado mais com a vida do que com palavras, este momento se eterniza porque se torna o encontro com o Deus da vida, manifesto na pessoa de Cristo. Fundamentar a centralidade na meditação na Palavra de Deus já que Nela, é o próprio Deus que se revela, «na (re)descoberta da Palavra de Deus, também aprendi que toda a Sagrada Escritura é centrada em Jesus Cristo, o Antigo Testamento anuncia-O os Evangelhos mostram-No, e os Atos dos Apóstolos, as Cartas e o Apocalipse prometem a sua Segunda vinda»³⁵. É neste encontro onde se experimenta a verdadeira conversão de costumes e a decidida tomada de consciência para o novo rumo que se propõe viver, sem precipitações, mas com alicerces fundados na confiança e na adesão sincera. É o tempo da «escuta da Palavra, centrada no aspeto cristocêntrico, tempo de vivência comunitária, no exercício do serviço caritativo aos pobres, no reconhecimento dos pobres e necessitados, um verdadeiro noviciado em vista ao definitivo compromisso»³⁶. Para uma comunidade crista ativa, algumas características como: a evangelização, catequese, liturgia, e caridade vividas em comum, são indispensáveis.

Para este tempo há uma variação cronológica para a realização efetiva do processo de iniciação cristã. Uma demonstração de maturidade e de fé comprovada, e variando já agora de contextos para contextos se chega a uma formulação (neste ponto o tempo varia de 3 ou mais anos). No início, e a orientação geral da Igreja propõe que há já um acompanhamento durante três anos.

Encontramos vários textos que nos falam da assistência e da assiduidade dos apóstolos na explicação para a compreensão da Palavra de Deus, (cf. Act 8,26-40; 2,42; 10; 11,26); esse é um procedimento regular na dinamização do anúncio e uma oportunidade para explicitar o conteúdo da revelação e da tradição, onde o próprio Deus se comunica ao homem por meio de uma história concreta sendo que o acesso ao Reino de Deus só é possível pelo acesso a Jesus Cristo, já que o Deus da Bíblia não é acessível nem revelado por um pensamento de tipo especulativo e Israel descobre o rosto de Deus num processo dinâmico, numa história que se aprofunda pouco a pouco numa tradição viva da fé³⁷.

³⁵ Duarte Araújo, *O Irmão do Filho Pródigo* (Porto: Edição do Autor, 2018), 9.

³⁶ Alvarez, *Celebración Cristiana y Catequesis*, 14.

³⁷ Cf. Secretariado Diocesano dos cursos de Cristandade, *Temas para um Itinerário Catecumenal* (Porto: Tipografia do Carvalhido, 1986), 16.

O catecumenato centraliza a formação catequética na sua generalidade, é o tempo de formação cristã que também tem sua etapa fundamental na escuta atenta da Palavra de Deus. É o tempo de estudo do catecismo nas suas mais variadas aplicações, (cf. DGC 88; 93). Recebem-se os Evangelhos (Bíblia) e o (Cf. RICA 98) aponta para a introdução nos mistérios da salvação, na vivencia de costumes segundo a forma do Santo Evangelho, na fé e prática da caridade e da vivencia comunitária e é neste tempo que também vai acontecer a eleição, depois de provada a sua maturação e dedicação. A eleição corresponde, pois, a admissão feita pela Igreja em nome de Deus (cf. RICA 24).

O Catecumenato corresponde ao itinerário que permite ser cristão, um itinerário que já vem desde os tempos apostólicos e que corresponde a iniciação Cristã (cf. CIC124). Permite que o catecúmeno se aproxime da comunidade eclesial para um crescimento e amadurecimento na fé³⁸, e isto realiza-se de forma gradual que acontece com: o anúncio da Palavra, acolhimento do Evangelho que implica conversão, a profissão de fé, o batismo, a efusão do Espírito Santo, o acesso a comunhão eucarística (cf. CIC 1229).

Considerar, entretanto, que ao longo dos séculos este processo de iniciação cristã não foi um processo sempre uniforme na sua aplicação, mas que tendeu a variar segundo as situações do contexto. No início por exemplo, o tempo era muito extenso que com uma variada sequência de ritos, direcionados a liturgia, e encaminhava-se para a preparação dos sacramentos; no mínimo eram necessários três (3) anos e que permitiam verificar o comportamento do candidato³⁹. Um período de evangelização a iniciação cristã, a centralidade na Palavra de Deus, a compreensão do mistério de Cristo como único salvador da humanidade eram vincadas nesta instrução. As várias comunidades apostólicas e os padres apostólicos tinham este cuidado como podemos ver em santo Ambrósio, «Ele mesmo preparava os catecúmenos para o batismo, iniciava-os nas celebrações pascais, na compreensão dos ritos»⁴⁰.

Se conferirmos o (cf. RICA (2011), o DGC (1971) e o Dicionário Catequético (2004) veremos a estruturação do processo de iniciação cristã dividida nestas quatro fases como já referimos: o pré-catecumenato, o catecumenato a purificação/ iluminação e a mistagogia.

³⁸ Cf. Pinho, *Reiniciação Cristã dos adultos*, teoria e praxis, 149.

³⁹ Cf. Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, *Liturgia e Catequese em Roma no século III*, 2,33.

⁴⁰ Ambrósio de Milão, *Explicação dos símbolos, sobre os sacramentos, sobre os mistérios, sobre a penitencia*, 4,1.

Neste segundo momento, já há um passo mais significativo com sinais sensíveis e visíveis que progressivamente o integram na vida da comunidade e até na celebração da Palavra. Nesta fase, dão-se duas posições, um da parte do candidato que aceita fazer parte da comunidade e outra, a comunidade que aceita integrar o candidato ao grupo. Temos aqui duas vontades, a vontade do candidato e a vontade da comunidade. O rito do batismo, aponta para estes aspetos, o sinal da cruz, o sinal do Pai Nosso, o sinal da receção da Palavra, todo um conjunto estruturado e progressivo de adesão ao grupo, e de aceitação por parte da comunidade. Os candidatos são chamados catecúmenos, já estão mais próximos e de certa maneira credenciados para poder receber o sacramento do Batismo, comunhão e a confirmação; que são os sacramentos da iniciação cristã.

É importante reconsiderar o aspeto celebrativo que de certa maneira já tentámos sublinhar, a liturgia, a celebração litúrgica da fé. Sendo o catecumenato o momento propício para o conhecimento da doutrina, da história da própria Igreja, no aprofundamento da celebração litúrgica, manifesta-se-lhe e anuncia-se-lhe as maravilhas realizadas por Deus para com o seu povo ao longo da história, e como a comunidade na liturgia celebra a ação de graças a Deus pelo seu poder para com a humanidade.

É a forma mais próxima de aprofundar a fé, a celebração do mistério pascal, uma celebração que se compõe pela escuta, reflexão da Palavra de Deus e pela fração do Pão. Neste sentido compreendemos como «a liturgia procede e origina-se da comunidade, ela é a sua expressão e auto-manifestação, não é algo exterior a comunidade, pelo que se pode entender a relação que existe entre a catequese e a liturgia»⁴¹. Purificação e Iluminação, segundo a tradição da Igreja é o tempo próximo aos sacramentos da iniciação cristã e decorre no tempo da Quaresma em vista a preparação mais séria da celebração pascal onde se realizam os sacramentos. Nesta fase realizam-se os escrutínios com orações apropriadas para tal fim, celebram-se os sacramentos de iniciação crista (Batismo, eucaristia e confirmação), e isto, acontece no Sábado Santo, na grande Vigília Pascal⁴². Entregam-se os vários símbolos e a oração do Senhor (cf. DGC 88).

Esta participação nos ritos de iniciação é o momento de realização do batismo. Centrado na celebração Pascal e realizada na Semana Santa, o catecúmeno depois de um profundo amadurecimento, e da rotura comprovada com o passado, é na noite Santa da Páscoa batizado. O batismo considera-se o momento alto no processo de integração. A

⁴¹ Luís Fernando Alvarez, *Celebración Cristiana y Catequesis: Introducción a la Liturgia para Catequistas* (Madrid: Editorial CCS, 1987), 13-14.

⁴² Cf. Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, *Liturgia e Catequese em Roma no século III*, 87-89.

catequese, suscita a adesão à fé proposta, estimulando a uma resposta comprometedora que passa necessariamente pelo rito de purificação, e se converte em trofeu de uma nova criatura, conformado com a vida cristã. Consideramos o catecumenato um momento em que com as instruções e ensinamentos se realizam o ensino daquilo que é necessário para compreender o cristianismo ter uma cosmovisão do mesmo e assumir seus valores transformando-os em vida⁴³, e com o Batismo, Confirmação e Eucaristia ser incorporado ao povo de Deus (cf. RICA 2013, nº 27).

Depois do rito do batismo, vem a Mistagogia que é o momento particular para introduzir o catecúmeno a saborear o sentido da celebração litúrgica, os vários momentos e o significado dos ritos e símbolos que celebrou na Páscoa.

Considera-se ser um tempo muito especial de vivência e reflexão do que se celebrou no Mistério Pascal, que recorda e remete aquela que foi a vivência realizada pelos padres da Igreja. Da realização dos ritos celebrados e recebidos na vigília pascal aos neófitos se procurava transmitir os significados dos ritos realizados na celebração dos sacramentos a fim de se viver com maior empenho os sacramentos celebrados. (cf. RICA 37-38). A mistagogia é o momento em que os fiéis são iniciados nas riquezas que os sacramentos significam e realizam com os gestos e ritos (Cf. CIC 1234).

A Igreja dedicou um momento especial para este tempo, um tempo para instruir aqueles que já participam da vivência sacramental, uma oportunidade para falar dos mistérios e a dar-vos a explicação dos sacramentos. Esta realidade acompanha a Igreja desde os primórdios já que para os padres da Igreja, a mistagogia em sentido estrito, nasce no decurso do século IV, quando organizavam ciclos de homilias e catequeses pós batismal que com o método tipológico permitiam na celebração litúrgica explicar os mistérios celebrados a luz dos textos bíblicos⁴⁴. A mistagogia, corresponde a uma vivência destinada ao maior conhecimento dos mistérios recebidos para completar com os outros sacramentos.

Importa considerar que apesar do quanto já dissemos sobre a iniciação cristã e o catecumenado, surge sempre esta pergunta: a quem se dirige? Podem ser duas as razões que expressam a constituição do catecumenato, sendo que no contexto conturbado das perseguições que sofrem as primeiras comunidades, elas têm necessidade de se

⁴³ Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, *As Igrejas e a Mediação Estética nos Contextos de Iniciação Religiosa*, em Rever, Nº 1, jan/abr 2018, 102.

⁴⁴ Alberto Cabecinhas, *No Coração da Igreja: Eucaristia, Comunidade e Missão* (Lisboa: Paulus 2020), 145.

defenderem quer dos insultos externos, quer das preocupações internas como sublinhado. A tentativa de compreender mais profundamente a razão de ser do próprio cristianismo e as correntes de pensamento filosófico helenísticas, proporcionaram as crescentes heresias.

O cristianismo nasce bem entranhado no judaísmo. Não aparece como nova religião, mas apresenta-se sim, como atualização da mensagem de Deus e cumprimento das profecias. A própria vida de Jesus, a sua participação na vida comunitária judaica, a sua apresentação no templo, o cumprimento da circuncisão, e das regras comunitárias do seu tempo, a oração, as práticas religiosas concernentes à religião judaica, manifestam que Jesus não corta a relação começada por Deus, já que os textos do Antigo testamento tratam da presença de Deus e de um ser divino ou a Ele comparado, cujos sinais bíblicos manifestam⁴⁵, que através da lei dos profetas, mas como Ele nos afirma vai dar pleno cumprimento às escrituras (cf. Mt 5,17-19). Entretanto são dois os grupos aos quais se dirige o anúncio: aos Hebreus e aos pagãos.

Aos hebreus, os vários textos dos Evangelhos e das cartas o demonstram. E mesmo dentro das sinagogas Jesus anuncia que hoje se realiza o que acabais de ouvir (cf. Lc 4,21). Esta afirmação vai tornar-se um dos pontos de grande divergência e causa de conflito entre judeus e judeus convertidos. O próprio São Paulo é o exemplo mais eloquente, e acérrimo da defesa do judaísmo no confronto com o cristianismo (cf. Act 9,1-2).

Aos pagãos, o Novo Testamento demonstra como a fé começou a difundir-se fora do grupo do povo eleito. O centurião Cornélio, a comunidade de Antioquia da Síria, e as várias comunidades fundadas por Paulo sobretudo por exemplo, as comunidades de Antioquia (Cf. Act 17,15; 22-18,1). A rejeição à fé cristã e as perseguições, abrem caminho para que o Evangelho saia das rédeas do judaísmo e se estenda aos pagãos, e é sobretudo tudo com estes que começa o caminho do catecumenato, ajudando-os no amadurecimento do caminho da fé, anunciando-lhes Jesus Cristo, o Salvador. Mas é aqui que surge o como se processa este enquadramento?

Considerar que «a Igreja primitiva apenas admitia aos sacramentos de iniciação cristã pessoas cuja conversão se podia verificar, e cujo estilo de vida pôs à prova durante o período de catequese. Ninguém é acolhido sem a preparação, sem provas, sem

⁴⁵ Cf. António Domenech, *Jesús de Nazaret: Cristologia para Catequistas* (Madrid: Editorial CCS, 1987), 16.

garantias»⁴⁶. Sendo assim, era, e é importante fazer com que estes que aderem a fé, tenham um acompanhamento e uma caminhada que permite, «dar-lhes, no momento certo, algo de sólido e apropriado da mensagem cristã»⁴⁷, e tais devem, «manifestar-se como sujeitos ativos, conscientes e responsáveis, e como um recetor silencioso e passivo.» (cf. DGC 167). Hoje mais do que nunca, o magistério tem consciência da existência de muitos que não sendo experimentados por uma vida autenticamente provada tenham recebido o batismo e precisão de uma evangelização, dentre estes incluem-se as crianças⁴⁸.

Assim, a compreensão da catequese de iniciação como processo que permite chegar aos sacramentos de iniciação, é um caminho de anúncio e de testemunho da fé em Cristo, que culmina na aceitação da sua proposta, na configuração da vida ao Evangelho e na participação na vida da comunidade como membro que celebra os sacramentos e vive o que celebra. (cf. Hb 5,11-6,1).

A narrativa dos Actos dos Apóstolos que faz alusão ao batismo do Eunuco (cf. Act 8,26-39) que pede esclarecimento a Filipe sobre o texto que estava a ler, faz um forte incentivo para necessidade de considerar a catequese de iniciação como um processo de ensino e esclarecimento sobre quem é Jesus Cristo.

1.5. A Iniciação Cristã como obra de Deus

Na reflexão sobre o processo de iniciação cristã impõe-se considerar e, como já inicialmente referido que este processo seja considerado como o cumprimento de uma missão recebida do Senhor e entregue aos seus discípulos, com a finalidade de fazer de todos os homens participantes no mistério do amor de Deus.

Entretanto este mandato é para Igreja um dever fundamental da sua natureza, e o Papa Bento XVI considera ser um tríplice dever: «Anúncio da Palavra de Deus (Kerygma – Martyria), celebração dos sacramentos (Liturgia), serviço da caridade (diaconia)» (DCE 46). Desta perspetiva se concebe a catequese, e todo este processo de organização como um dom/obra do próprio Deus e não projeto deliberado da comunidade; é o próprio Deus que vem fazer parte da história humana e instrui o homem a compreender os desígnios do

⁴⁶ Bollin, Gasparini, Rocha, *Catequese na vida da Igreja*, 21.

⁴⁷ Comissão Episcopal da Educação Cristã, *Curso de Iniciação: Livro do formando* (Lisboa: SNEC, 1999), 72.

⁴⁸ Arnaldo de Pinho, *Reiniciação Cristã de Adultos, teoria e práxis*, em *Humanística e Teologia*, 147.

seu amor. Pelo que ser cristão é uma graça, um dom recebido do próprio Deus que em Jesus nos atrai a Ele pela força do Espírito Santo.

A própria história da salvação descrita já desde o Antigo Testamento apresenta-se como um chamamento a Abraão e a todos os profetas, um chamamento que se torna caminho iniciado pelo próprio projeto divino e que realizado com a participação do homem, com a sua aceitação e entrega, justificada e fortificada na graça de Deus.⁴⁹ Em Jesus se realiza este projeto de humanização de tal forma que ser cristão é participar mais diretamente nesta história, que compromete o homem e a Igreja, a ser com a graça do batismo participante do projeto de Deus na humanidade. O batismo como participação no projeto de Deus, torna o homem cristão, com a força do Espírito Santo, o continuador da missão do Filho.

Se no Antigo Testamento Deus se comunica de forma progressiva ao homem com sinais e prodígios, quando lhe aprouve, enviou seu Filho Jesus Cristo para estabelecer definitivamente esta aliança. O projeto - missão, é projeto do próprio Deus Trindade e que se cumpre na pessoa do Pai que envia o Filho (cf. Ef 1,4-5), no Filho que realiza a missão, e no Espírito que vivifica, e perpetua atualizando-a em todos os tempos. A Igreja está assim vocacionada na pessoa dos Apóstolos e de todos os batizados a ser continuadora do projeto de Deus, a Igreja é a mediação querida por Deus para atuar no tempo a obra da redenção humana e de participação dos homens na natureza divina⁵⁰.

1.5.1. A missão da Igreja

A missão de anunciar o Evangelho confiada aos Apóstolos após a ressurreição, como continuação do projeto do Filho, passa pela vivência dos sacramentos que implicam e supõem a presença permanente do Espírito Santo. A vida sacramental realizada e celebrada na liturgia, define a presença permanente do Espírito que edifica e anima, e que possui a efetiva presença do próprio Deus no meio da comunidade⁵¹, onde o desafio da iniciação cristã é a expressão mais significativa da missão da Igreja e constitui a realização da sua função maternal geradora de vida e de novo os filhos⁵².

⁴⁹ Cf. Yves Congar, *No Meio da Tormenta* (Lisboa: União Gráfica, 1970), 147.

⁵⁰ Cf. Conferencia Episcopal Española, *La Iniciación Cristiana*, 9.

⁵¹ Cf. Yves Congar, *Introdução ao mistério da Igreja* (Paris: Editora Herder, 1966), 107.

⁵² Cf. Conferencia Episcopal Española, *La Iniciación Cristiana*, 10.

Esta forma de ser Igreja incorporada na vivência dos sacramentos, fruto da ação do Espírito Santo, suscita na Igreja a consciência de ser mãe / pai com a vocação de fazer nascer novos membros e de os fazer participantes deste projeto. Assim a Igreja universal, que é representada nas Igrejas particulares espalhadas pelo mundo e ligadas em Cristo pelo vínculo da catolicidade (una, santa, católica e apostólica), têm a responsabilidade de fazer do processo de iniciação cristã uma regularidade de vida. A iniciação cristã é vista não só como um processo de nascimento, enquanto novos membros a ela se agregam, mas como vida ativa e vivida, que se concretiza na expressão diária de vida sacramental.

A participação na celebração litúrgica da Santa Missa, por exemplo, seja uma expressão viva no sacramento da comunhão e o testemunho maduro de fé que recebemos do sacramento do crisma.

Vincular a iniciação cristã, nestas duas polaridades, sendo que uma se vira para geração (agregar novos membros), e a outra se fundamenta na animação, educação e vivência da fé, é o caminho que se impõe fazer. Não se pode dissociar a iniciação cristã da catequese enquanto vivência da experiência da fé, já que as dúvidas sobre assuntos doutrinários, morais, litúrgicos necessários para aprofundar a fé estão na base dos escritos paulianos para iluminar tais inquietações⁵³.

Neste âmbito joga um papel fundamental o lugar e a figura do bispo, como aquele que tem a responsabilidade de cuidar dos filhos gerados, animá-los e orientá-los para uma vida em comunhão⁵⁴. Uma vez que a Igreja particular é confiada ao bispo como o pastor da comunidade, é a ele que se confia esta grande missão da Igreja e administração sacramental, bem como a vivência de tudo está numa dinâmica orientada por sua responsabilidade. Olhar para as Igrejas particulares como vocacionadas a levar à frente esta tarefa e como missão primordial.

A iniciação cristã abre o desafio para a realização dos outros sacramentos como consequência desta vida nova que assumiu. De facto, iniciar é de certa forma morrer, provocar a morte. Mas a morte é considerada como uma saída, a passagem dum porta que dá acesso a outro lugar. O neófito parece realizar um processo de regressão, seu novo nascimento compara-se a um regresso ao estado fetal no ventre da mãe⁵⁵. A comunidade diocesana, como parte da Igreja universal orientada pelo bispo exerce a missão e está

⁵³ Cf. Neves, *A catequese como Chave Hermenêutica dos Evangelhos Sinópticos*, em *Didaskalia*, XXVIII (1998), 99.

⁵⁴ Cf. Francisco da Mata Mourisca, *Apostolado da Oração e Pastoral dos Leigos* (Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1965), 8.

⁵⁵ Cf. Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos* (Lisboa: Editorial Teorema, 1982), 377.

chamada a dinamizar em comunhão eclesial, uma vivência que se espera atuante e concreta no lugar em que se encontra, e que na diversidade de culturas vivam a mesma e única fé, animadas pelo Bispo, ligado à Igreja universal. A função do Bispo torna-se assim proeminente e necessária para que as orientações centrais da Igreja cheguem à comunidade de base (Cf. CT 31).

O anúncio do carisma, realiza-se considerando os diversos níveis e as diversas situações concretas das comunidades, por isso, a organização catequética segundo os contextos próprios dos povos e das Igrejas particulares mantém o mesmo vínculo e o mesmo fio orientador. A atualização do projeto nas diferentes Igrejas particulares, com os diferentes escalões estruturais entre adultos, jovens e crianças, etc⁵⁶, será um ponto de dinamização cuja finalidade única é a vivência da mesma fé nos diferentes lugares e contextos sociais. É nesta configuração que encontraremos diversos momentos de formação a destacar: catequese de adultos, catequese de crianças, e entre a catequese de crianças e adultos, sublinhar crianças e adultos já batizadas, as recém-nascidas e crianças/adultos ainda não batizados. Importa considerar que «todos estes elementos, estes módulos de aplicação do processo de iniciação, são todos orientados no sentido de que se cumpra e se viva a programação estruturada como Igreja; é importante considerar que os adultos que livremente aderem à fé cristã sejam instruídos com maior eficácia já que têm maior capacidade de interiorização do kerigma»⁵⁷. O anúncio do carisma exige um aprofundamento e uma vivência, já que a vida cristã exige compromisso radical. A formação inicial e permanente, realiza-se neste processo de iniciação cristã e estendem-se por toda a vida, na vivência dos sacramentos e na partilha comunitária. A missão da Igreja é animar, mediar e dinamizar esta vivência, a Igreja dinamiza-se na pessoa do bispo, do colégio dos clérigos e da comunidade⁵⁸.

⁵⁶ Cf. Bernard Lauret e François Refoulé, *Iniciación a la práctica de la Teología* (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1986), 289.

⁵⁷ Cf. Lauret e Refoulé, *Iniciación a la práctica de la Teología*, 304.

⁵⁸ Cf. Francisco da Mata Mourisca, *Protagonistas do Terceiro Milénio* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2000), 263.

1.5.2. A Catequese como Caminho de Formação Permanente

A catequese como formação permanente em vista à vivência da fé, realiza-se com ações variadas e múltiplas, concernentes a toda a vida cristã, e serve de complemento da catequese de iniciação que ajuda a amadurecer na fé pessoal e na vida comunitária⁵⁹.

Ao assumir a grande responsabilidade de ser a geradora de novas vidas para a Igreja, como mãe ou pai, vocacionada a gerar mas também a educar e encaminhar para a plena realização em Cristo, a Igreja tomou consciência da responsabilidade, seja na formação dos fiéis que assumiram como tal o desafio de ser e viver como cristãos, seja àqueles (catequistas, evangelizadores, etc.) que se tornam além do mais animadores da comunidade com a responsabilidade de formar, instruir os que se vão integrando progressivamente nela⁶⁰.

A dimensão formativa, nas diferentes vertentes e nos subsequentes períodos da história, foi assumida com determinação e afínco para responder às exigências impostas pela missão. Os vários desafios pertinentes que as sociedades vivem, impõem respostas imediatas, coerentes, inerentes à vivência da fé o que implica competência dos que anunciam a Palavra. Competência em vida, em reflexão e abordagem. Quanto a isto os Padres da Igreja e como podemos referenciar, tiveram uma consideração e atenção apurada, pois para eles a fé católica proveniente da doutrina dos apóstolos e recebida através duma série de sucessões deve ser transmitida sã aos descendentes, mas tem sua razão de ser na união com Cristo assegurada pelo sacramento de iniciação cristã⁶¹.

As várias correntes de pensamento, sobretudo as surgidas nos últimos séculos, como o liberalismo, o iluminismo, o racionalismo bem como a multiculturalidade têm sido um grande desafio para integração da própria Igreja, fazendo-a firmar a sua identidade com respostas sempre prontas aos problemas da vida humana.

Os Concílios e os vários estudos recorrentes na história da Igreja, como já sublinhado, apresentam-se como um caminho de formação e reflexão cuja finalidade é afirmar e atualizar no tempo a missão que se impõe. Exemplo disso, são as conferências episcopais que se constituem em zonas e que numa perspetiva comum se orientam para a dinamização conjunta do anúncio da Palavra. Para isto se diz: «Podem criar-se na

⁵⁹ Cf. Andres, *A Paróquia, comunidade Evangelizadora*, 69.

⁶⁰ Cf. Yves Congar, *Os Leigos na Igreja* (São Paulo: Editora Herder, 1966), 429.

⁶¹ Cf. Yves Congar, *Na Igreja deste tempo* (Lisboa: União Gráfica, 1969), 62-63.

conferência episcopal um departamento de catequese, cuja principal função é auxiliar cada diocese em matéria catequética» (cf. CIC 3).

É preciso olhar para este dinamismo, na conjuntura da própria Igreja, como um desafio cada vez mais exigente e que engloba a Igreja na sua totalidade. O magistério, os sacerdotes, os religiosos e as religiosas, os leigos são todos convocados, e comprometidos seja no estudo, assim como na realização de projetos que permitam criar caminhos conjuntos e que sejam respostas para uma vivência comunitária sempre mais afinada no projeto evangélico.

Hoje deixa de ser uma exigência simplesmente do magistério hierárquico, hoje mais do que nunca, esta responsabilidade é compartilhada e vivida em comunhão eclesial, onde todos os membros assumem e se sentem corresponsáveis de todos e de cada um, já que a catequese nestes dois séculos se inspira no modelo do século XVI e reata as determinações do Concílio de Trento que procura aplicar gradualmente. Sempre foi de certa medida uma realidade eclesial presente na prática pastoral, mas é a partir deste Concílio que se torna uma manifestação específica da atividade da Igreja, ofício proeminente dos pastores (Bispos, párocos, eclesiásticos, com funções de cura de almas) que têm como centro motor as dioceses e as paróquias⁶².

No mundo fortemente marcado por uma perspectiva subjetivista, impõe fazer um caminho de comunhão, para juntos dar respostas aos desafios que os tempos exigem. Como no princípio da sua história, a Igreja continua a ser desafiada a dar respostas prontas às várias inquietações que a sociedade vive (1Ped 3,15-18). A isto, impõe-se, nada melhor, que a integração de todos os esforços; a mesma missão, exige respostas atualizadas, uma pastoral mais dinâmica para atuar no âmago da vida e da existência humana.

A criação de programas de formação bem estruturados por etapas, como períodos de catequese por idades e grupos, com esquemas e catecismos atualizados, mas também direcionados a responder às inquietações das respectivas fases heterias. Um processo programático que inclui doutrina, reflexão bíblica, litúrgica e histórica da própria comunidade cristã, como um povo que participa com a sua natureza e identidade na história da salvação.

As considerações a respeito da formação inicial, como um processo, requerem sublinhar o papel que a Igreja diocesana exerce na dinamização e articulação de ações

⁶² Cf. Bollin, Gasparini, Rocha, *Catequese na vida da Igreja*, 130.

que permitam uma vitalidade, com diferentes métodos e formas a fim de que a tarefa se realize como unitária e com a mesma finalidade, sem distorcer o objetivo. O (cf. DGC 274), na sua alínea a, tem em consideração este aspeto unitário em toda a pastoral de educação cristã, sendo que o (cf. DGC 275), considera a existência dos vários dinamismos de execução da mesma formação. As várias etapas no processo de iniciação e maturação cristã, encaixam-se no dinamismo que as dioceses estão chamadas a dar para tal.

Os grupos diocesanos e as paróquias são e têm como função ser veículos de formação permanente, que requerem um acompanhamento responsável e guiado pelas autoridades a eles confiados; sempre com a centralidade na Palavra de Deus que orientada por quem já tenha uma experiência da fé comunitária e a ela encaminha. Os mesmos grupos e movimentos diocesanos/paróquias têm como finalidade a vivência comunitária e a partilha da Palavra, partilha da fé na comunhão eucarística. A comunhão eucarística precedida da celebração da Palavra, centraliza e fundamenta o dinamismo da existência dos grupos. A comunidade diocesana faça dos grupos um momento e uma forma de se evidenciar a continuação da formação que se inicia e se prolonga para o resto da vida.

O Concílio Vaticano II, veio de facto, dar um maior incentivo à existência dos grupos, como lugar de vivência e partilha da experiência da fé em comunidade⁶³. Tem se manifestado recentemente na Igreja uma corrente de renovação comunitária que afeta a todos os tipos de comunidades cristãs: Paróquia, família, pequenas comunidades, etc. Para tal feito, considera-se um aspeto positivo e que proporcionam uma experiência de comunhão muito rica e enriquecedora⁶⁴. Diversificados em suas estruturas e composições, respeitando as idades e objetivos, são na Igreja, formas de continuar a formação em vista a vivência da vocação cristã.

1.5.3. A Paróquia

As paróquias são o lugar do nascimento do exercício da formação inicial e permanente, «é o seio materno, onde se nasce como cristão, nela a comunidade cristã recebe-te com grande alegria, aqui o Espírito Santo, forma dia a dia a nossa comunidade»⁶⁵. Nelas se realizam os sacramentos e estes vivem-se como e em comunidade. A paróquia é a escola da iniciação cristã e a dinamizadora da vida da

⁶³ Cf. Congar, *Os leigos na Igreja*, 5511-512.

⁶⁴ Cf. Lauret e Refoulé, *Iniciación a la práctica de la Teología*, 280.

⁶⁵ Cf. Andres, *A Paróquia, comunidade Evangelizadora*, 63.

comunidade com todos os serviços (movimentos) a ela inerentes. Os grupos dinamizados, refletem e vivem a Palavra de Deus, atualizam a palavra que reflete as situações concretas de cada grupo no seu contexto. Deixam de ser simples dinamizadores da piedade popular, para refletirem a luz da Palavra e das orientações do Magistério, as reflexões nos variados âmbitos da vida social.

Os grupos estudam os vários documentos emanados pelo Magistério, como sinal de colegialidade e de implementação dos mesmos nas comunidades de base, documentos que estão na base da orientação prática da atualização da vida em comunidade à luz das exigências do tempo e de cada tempo. A fé que se professa, se vive no tempo, respondendo como comunidade unida ao Magistério que orienta o seu rebanho, desta forma, «a Igreja particular exerce a sua maternidade através das paróquias; a paróquia é a pia batismal da Igreja particular»⁶⁶. Esta consideração do papel e natureza da paróquia, abre para nós uma grande temática a abordar em relação aos ciclos de formação de iniciação cristã. O acolhimento daqueles que se aproximam à comunidade paroquial, é sem dúvidas um sinal importante. E o acolhimento digno de todos aqueles que batem à porta e se aproximam da paróquia deve ser de tal modo, que se sintam acolhidos e aceites nela como filhos. É o lugar de todos os que a ela se dirigem necessitados de apoio, sobretudo do apoio espiritual e de uma orientação para a própria vida, nisto se incorporam os divorciados, os drogados, as mães solteiras, etc.

O aspeto da conversão deve caracterizar a comunidade paroquial, para ser vista não como um lugar de justos, mas um lugar em que se faz o caminho de santidade e de renúncia constante; é a verdadeira escola da caridade fraterna, que recebe todos e todos nela encontram um lugar. A paróquia é o lugar da escuta da Palavra de Deus por excelência e da conseqüente vivência litúrgica dos sacramentos. É, se quisermos considerar a casa mãe, onde se realiza todo o dinamismo da missão evangelizadora. A missão como desafio inerente à vocação que se recebe no batismo, encontra na paróquia o lugar do seu crescimento e maturação. Uma missão que é vivida *ad intra e ad extra*; quer dizer que permite o serviço *ad gentes*.

O Pároco em primeiro lugar, e os responsáveis a ela ligados, têm como responsabilidade, guiar a comunidade representando o Bispo. O Bispo é o primeiro responsável da comunidade e a sua ação se estende a toda a Diocese por meio dos párocos, vigários e entidades por ele delegadas⁶⁷, como se pode constatar (cf. CIC 858).

⁶⁶ Andres, *A Paróquia, comunidade Evangelizadora*, 69-70.

⁶⁷ Cf. Francisco da Mata Mourisca, *Caminhos do Homem* (Lisboa, Edição da SEDIPU, 1989), 280.

1.5.4. A Família

Uma outra instituição não menos importante e que está na base da dinamização da fé, e na linha da formação inicial e permanente é sem dúvida a família, que pela graça do batismo, do crisma e do sacramento do matrimónio, vivida numa experiência concreta de fé e de caridade, apresenta-se como sinal e reflexo do amor trinitário e como atuação original e imagem da Igreja, de modo a merecer o nome de Igreja doméstica ou pequena Igreja; participa de maneira muito própria, na vida e na missão da Igreja recebendo e transmitindo o amor de Cristo, crendo e evangelizando, dialogando e servindo o homem⁶⁸.

Se pode observar que «no dicionário do coração humano está arquivada uma palavra carregada de emoções e saudades que ninguém pode esquecer e é a palavra Família, nascidos e criados numa família doméstica, tão profundas raízes lançamos nela que só a morte as pode cortar, e tal a influencia exerce a família em cada filho, que este leva toda a vida, para onde quer que vá⁶⁹.

A respeito dela, vamos dedicar um capítulo à parte onde vamos sublinhar a sua vocação de educar os filhos na vivência da fé cristã. A família é, e continua a ser a estrutura base para a vivência e a prática de todos os valores do compromisso cristão, e assim como o crescimento humano, no ponto de vista natural depende dela, assim o nascimento e amadurecimento espiritual cristão se efetiva nela.

1.5.5. A formação e dinamização de catequistas

Esta é uma das tarefas fundamentais da Diocese – Paróquia. Tarefa que se requer delicada e atenta. As instruções nas várias facetas da vida cristã exigem sobretudo e cada vez mais uma formação cuidada para os agentes de dinamização em primeiro lugar. O (Cf. DGC 84), sublinha ser necessária a formação na sua globalidade, nas diferentes dimensões da vida. Os catequistas formados numa visão abrangente da vida, sejam capazes de também formar o homem a fim de que possa penetrar no conhecimento do Mistério da revelação de Deus e instruir com noção clara as maravilhas realizadas por

⁶⁸ Cf. Conferencia Episcopal Italiana, *A verdade vos Tornará Livres: Catecismo para Adultos* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995), 435.

⁶⁹ Cf. Francisco da Mata Mourisca, *Caminhos do Homem* (Lisboa, Edição da SEDIPU, 1989), 280.

Deus a favor da humanidade; formação que visa conhecer as noções-chaves, valores, experiências, conhecimentos, palavras de Jesus, fórmulas de profissão de fé.

Não se pode descartar que a revelação de Deus é comunicação viva, numa história tecida por acontecimentos pessoais e coletivos, e por palavras confiadas organicamente aos seus enviados, a mensagem trazida por estes, entra a fazer parte de uma tradição comunitária. É um património considerado sagrado, porque, na sua origem se encontra a revelação entregue por Deus aos seus enviados a fim de assegurar que a sua transmissão fosse mais fácil e fiel, pelo que foi também posta por escrito. As Sagradas Escrituras, tornam-se preceito de fé e de vida, são acolhidas como inspiradas pelo próprio Deus⁷⁰.

Para tal, e como se pode comprovar, o DGC 237 explicita e demonstra matizes de orientação da formação de formadores catequistas, formação esta, que encontramos nas várias áreas do saber tais como: na área da psicologia e antropologia que valoriza a pessoa do catequizando, seu contexto histórico e situação concreta, desde o meio em que se enquadra; na área teológica doutrinal, que sendo coerente seja fiel ao ensino da doutrina cristã que a Igreja nos ensina; na área Pedagógica que permitindo o diálogo da pessoa com Deus administrada com meios e métodos atuais ao contexto; na área da formação espiritual que com as obras, se dê um testemunho de uma fé incarnada e que compromete a vida e a vivência quotidiana, o que implica oração, celebração e ação.

1.5.6. Escolas, associações e movimentos laicos

Todos estes movimentos, associados à diocese e à paróquia, desempenham um papel catalisador e dinamizador da fé cristã. A fé cristã vive-se enraizada em ações concretas e humanizantes. Os leigos se integrem na vida da Igreja com toda a sua posição e empenho⁷¹. Não se exclui a interação humana quotidiana, e toda a formação requerida, se encaminha no sentido de fazer da vida, uma escola e caminho de humanização. Olhar com simpatia e sensibilidade para o outro que é imagem e semelhança de Deus.

Visto desta maneira, «a diocese não se reduz a um quadro jurídico e administrativo, mas é verdadeira comunidade de crentes e deve exprimir também esta comunhão a nível pastoral ativo e é necessário que se favoreçam as várias formas de apostolado e se assegure a coordenação e a união de todas as obras apostólicas sob a

⁷⁰ Cf. Conferência Episcopal Italiana, *A verdade vos Tornará Livres*, 25.

⁷¹ Cf. Francisco Da Mata Mourisca, *Na hora dos Leigos* (Fátima: Gráfica de Leiria, 1968), 35.

direção do Bispo de maneira que todas as iniciativas e instituições de carácter catequético, missionário, caritativo, social, familiar e escolar e qualquer outro trabalho com finalidade pastoral, tenha um desenvolvimento harmónico, e que ao mesmo tempo faça sobressair a unidade diocesana⁷².

Há necessidade de não dissociar a vida cristã dos outros âmbitos da existência humana, já que a vida cristã se enquadra na generalidade da vida. Não há um ser cristão que se dissocie dos outros aspetos da vida humana, tem sim que se configurar a vida aos padrões que a orientação cristã ensina como caminhos para a harmonia com Deus, com o outro e com o universo. E hoje mais do que nunca se impõe a consideração de que haja uma estreita e respeitosa relação com o cosmos na sua generalidade, dado que dele dependemos para a realização do nosso ser como pessoas já que nós existimos no mundo, e sem ele não podemos ser⁷³.

As escolas católicas exercem a predominância de ser o lugar da formação humana integral e cristã (Cf. DGC 259), por isso, assumem ser orientadoras de princípios e valores cristãos que permitam a construção de comunidades, sociedades que se orientam para a dignidade da pessoa humana, no respeito pela liberdade e no reconhecimento a ação do criador na história da humanidade. Mas sobre os catequistas e as escolas de formação de catequistas, abordaremos no capítulo a seguir.

1.6. Natureza e implicações da catequese de iniciação

Depois de tudo o que abordámos sobre a dinâmica histórica do conceito até à «assunção»⁷⁴ do mesmo pela Igreja. Surge a necessidade de compreendermos sempre mais a sua natureza, as suas implicações—até chegar aos nossos dias e retermos orientação para nós e para o nosso trabalho.

Ao longo da história do cristianismo podemos constatar que o caminho catequético, se faz como uma realidade dinâmica de conversão orientada para o batismo e que marca a mudança e configura-se a uma nova maneira de viver. Isto faz com que os convertidos, mediante «um ensinamento de toda a vida cristã e uma aprendizagem

⁷² Cf. Conferencia Episcopal Italiana, *A verdade vos Tornará Livres*, 180.

⁷³ Cf. Borges, *O Mundo e a Igreja que Futuro?*, 111-113.

⁷⁴ Usamos este termo para significar o ato pelo qual a o Cristianismo assume o termo como seu, passando a fazer parte do seu vocabulário.

devidamente prolongada no tempo» (Cf. AG 14), sejam iniciados num estilo de vida evangélica e nos mistérios da salvação⁷⁵.

O exemplo narrativo de Damasco sobre a conversão de Paulo, pode ser caracterizado e apresentado como protótipo de caminhada cristã (Cf. Act 9, 1-18). Neste capítulo nono, é-nos comunicado o processo progressivo como Paulo foi iluminado por Deus e como de modo evolutivo e paulatino, foi aderindo ao projeto de Deus até assumi-lo como forma de vida. O Tempo de recolhimento, que podemos observar na conversão de Paulo e que os capítulos quarto e nono dos Atos dos Apóstolos nos confirmam, representa um silêncio e diálogo com Jesus que se identifica, se dá a conhecer e se propõe a Paulo como caminho e meta a percorrer.

Queremos considerar este, como um momento de catequese de formação e até de catecumenato para Paulo. Só depois deste diálogo (processo catequético) que Jesus faz com Paulo num período de três dias (Cf. Act 9, 8) é que Paulo assume o projeto, e é batizado. Do processo catequético que Paulo vive e após receber o batismo, começa um percurso de anúncio e de evangelização às regiões periféricas, anunciando aos gentios o Evangelho, e propondo-lhes a conversão. Uma vez batizado, recebe o mandato de ser «instrumento escolhido para levar o meu nome diante das nações» (Cf. Act 9,15).

Na pessoa de Paulo, e no mandato que recebe pressupõe-se a vocação dos batizados, que é uma vida de anúncio do nome do Senhor a todos os povos. Paulo partindo de Damasco, torna-se o anunciador do kerigma a várias regiões. O que nos importa sublinhar é certamente o processo progressivo que inclui o tempo, que para o caso de Paulo são três dias; mas que se converte em momento de diálogo e de conhecimento do projeto que vai assumir, e uma vez assumido, e após ser batizado, viver em conformidade com as verdades reveladas.

Outro caso semelhante é o do Eunuco, o Etíope (cf. Act 8,26). A missão que os batizados recebem, de anunciar a boa-nova da salvação é fruto do dom recebido pela força do Espírito, que provoca e impulsiona a necessidade de sair de si mesmo, e anunciar, por isso, a catequese é missão da Igreja, e podemos distinguir a catequese da função evangelizadora propriamente missionária, pois que enquanto a evangelização desperta

⁷⁵ Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, «A catequese ao serviço da Iniciação Cristã», em *Secretariado Nacional de Educação Cristã, Fórum de Catequese* (Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2003), 65.

inicialmente a fé, a catequese, segundo o Vaticano II, faz com que a fé ilustrada pela doutrina, se torne viva, explícita e ativa⁷⁶.

Nas duas situações apresentadas, a de Paulo e a do Eunuco, importa-nos sublinhar o elemento tempo de formação, tempo de anúncio para interiorizar, identificar e aceitar comprometer-se, a fazer parte com Cristo e ser batizado. O Evangelho de Marcos na sua pedagogia catequética, faz-nos compreender este percurso didático⁷⁷, a pregação, e a catequese, são os instrumentos necessários e insubstituíveis para o anúncio do Evangelho e para a conversão a uma catequese que não se limita a um conjunto de normas ou teorias, mas em que a Boa Nova de Cristo se configura sobretudo na vivência cotidiana de costumes e atitudes.

Paulo fica três dias isolado sem comer nem beber, mas a receber a iluminação divina, representada no diálogo com Jesus á quem ele procura (cf. Act 9,9). Depois disso recebe a visita de Ananias (cf. Act 9,12-19); têm um diálogo fraterno, e é-lhe servida a refeição. Importa sublinhar esta característica: o diálogo fraterno que proporciona também a partilha do alimento. Comer juntos é um gesto que manifesta intimidade e amizade e que os judeus não faziam com o inimigo; só se come com um amigo ou com quem temos confiança. Este vai ser também um elemento fundamentado na partilha e na vivência comunitária do anúncio do Evangelho. A fração do pão que depois iremos analisar como o sinal sacramental, sinal da presença do próprio Cristo e alimento para a caminhada da comunidade, marcará uma forma de ser, uma característica da comunidade dos discípulos de Cristo (Cf. Act 2,46).

1.7. A comunidade, lugar de anúncio da palavra e de vida

O exemplo da vida das comunidades apostólicas em geral, interpelava quantos cruzavam o seu caminho e tornava-se a forma mais eloquente do anúncio do Evangelho (cf. Act 2,44; 4,32; 6,1-3), um exemplo de vida que irradiava sentimentos de inclusão e de adesão, «a força interpeladora da evangelização acontece quando juntamente com a palavra anunciada se oferece também a palavra vivida»⁷⁸. A admiração e o espanto

⁷⁶ Cf. Lauret e Refoulé, *Iniciación a la práctica de la Teología*, 275.

⁷⁷ Cf. Carvalho, *O catecumenato no Evangelho de Marcos*, 494.

⁷⁸ Figueiredo, «A catequese ao serviço da Iniciação Cristã», 66.

provocado pelo comportamento da comunidade e dos crentes desta nova religião levavam exclamar, vede como eles se amam, como se perdoam, como se aceitam, como celebram os seus óbitos, as suas festas, como partilham tudo. A forma de ser e de estar, este tipo de vida consequente ao compromisso batismal tornou-se a forma mais eloquente de anunciar Jesus crucificado morto e ressuscitado que é fonte de vida e de salvação para todos.

Esta característica exemplar e forma de vida das primitivas comunidades, inspiram-nos a fundamentar a nossa reflexão em torno da problemática catequética para as famílias angolanas do nosso tempo, e verificar como a comunidade cristã é o sujeito responsável da catequese e a expressão comunidade Cristã torna-se corrente no vocabulário eclesiástico para designar as estruturas eclesiais: Dioceses, Paróquias, Centros de culto, comunidades de base, etc⁷⁹. Deste pressuposto surgiriam várias inquietações a começar por aquela que é fundamental: as nossas famílias, células da sociedade, um fenómeno social de primordial importância para os seres humanos⁸⁰, comunidades eclesiais de base, conseguem ser e são este sinal de testemunho comunitário de vida que interpele as crianças nascidas delas, que interpela os jovens com regularidade, de forma a se manterem fiéis e constantes transmissores dos valores que destas famílias recebem e que servem para a vida? As nossas comunidades eclesiais, com as suas estruturas de dinamização, com o seu modo de ser Igreja, conseguem transmitir o kerigma não simplesmente como um veículo comunicador de ideias, mas como uma comunidade que anuncia o que vive?

O evento pascal transformou radicalmente o modo de ser seguidor de Cristo⁸¹. O cristianismo tornou-se uma religião, na vida das próprias pessoas que a ele aderiam como afirma São Paulo para mim viver é Cristo (Cf. Fil 1,21). Ser cristão é radicar a própria vida, tornando-a completamente compenetrada no ser com Cristo e no ser para Cristo, de maneira que os usos e costumes familiares, pessoais e comunitários, se tornem uma forma de ser que anuncia, e que denuncia, enfim que evangeliza (cf. Act 2,446-47).

Os estudos nos propõem os Evangelhos, sobretudo o de Marcos e as comunidades paulinas como protótipos para a catequese familiar e comunitária dos nossos tempos. Depois da sua conversão, fruto do encontro com Cristo que se lhe revelou, Paulo começa

⁷⁹ Cf. Diocese do Porto, *Orientações diocesanas de Pastoral* (Porto: Coimbra, 1991),70.

⁸⁰ Cf. Rita Lobo Xavier, «Família, direito e lei», em *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos* (Braga: Principia, 2003), 364-365.

⁸¹ Cf. Neves, *A catequese como Chave Hermenêutica dos Evangelhos sinópticos*, 96.

a peri-patear de cidade em cidade entre os gentios anunciando Jesus ressuscitado, e constituem comunidades estáveis que vivem de forma estável o Evangelho recebido. Homens e mulheres nas diversas situações e condições de vida, nas suas terras e entre comunidades familiares assumem o Evangelho como forma de vida (cf. 2Cor 12,2; 1Cor 1,30). É importante sublinhar o evento pascal uma vez que é pela força do ressuscitado e em torno a ela que nascem, crescem e se sustentam as comunidades tendo em conta que este evento tem seu momento celebrativo na liturgia da Igreja que é o lugar de «culmen et fons» da ação da Igreja; ela impulsiona os fiéis, anima-os a viverem unidos no amor e na mesma fé⁸².

As comunidades são testemunhas da ressurreição. A força do Espírito Santo que vem do evento ressurreição (cf. Rom 8), determina como as comunidades são sustentadas e guiadas pelo mesmo Espírito do ressuscitado. Pelo que, «é necessário que a comunidade cristã apresente um testemunho de vida que seja exemplo vivo e concreto do Evangelho, de modo que a pregação da Palavra de Deus possa ser acompanhada de sinais que o confirmem»⁸³.

O catecumenato, a catequese na Igreja, deverá sempre ser entendido como este momento de vivência prática da verdade e da fé, vivência das verdades recebidas da experiência da ressurreição e nisto se baseará o kerigma, a expressão prática das verdades da fé.

Pois bem, a Igreja que transmite a fé como dom recebido do Senhor, que está presente na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas (cf. SC 7), sabe que é conveniente que os cristãos participem com consciência na liturgia que é a presença salvífica de Cristo, pelo que a catequese deve favorecer o conhecimento dos significados litúrgicos e sacramentais, os sinais e a dimensão comunitária da celebração⁸⁴. Portanto é na comunidade e como comunidade que se aprende a viver e se vive a vida cristã, uma vida completamente fundamentada na relação: na relação com Deus, na relação com os outros, numa relação com o universo, com a natureza criada.

A dimensão comunitária tem como essência a da Trindade divina, que espelha o que devem ser as comunidades cristãs, o lugar onde se vive o exercício quotidiano da

⁸² Cf. José Manuel Cordeiro, *Da Liturgia a Vida*, em *Didaskalia XLIV* (2014) II, 204.

⁸³ Carta Pastoral dos Bispos Portugueses, *sobre os cristãos leigos na comunhão e missão da Igreja* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1989).

⁸⁴ Cf. Figueiredo, *A catequese ao serviço da Iniciação Cristã*, 66.

caridade, a sensibilidade para com os mais pobres e marginalizados, o amor fraterno e tudo mais. Os filhos nascidos na comunidade, os que são agregados a ela, aprendam no peito o sentido da vida, o sentido de ser Igreja e sejam capazes de ser com a própria vida, com a própria atitude, com o modo de fazer e de ser, as testemunhas vivas e eloquentes da expressão da fé (cf. 1Cor 14,25).

Podemos concluir que o batismo, como o sacramento de vida e da integração na nova família de Deus que é a Igreja, torna-se frutífero quando acompanhado e realizado após um conhecimento profundo do ato que se vai realizar. A catequese é imprescindível é condição necessária para que o discipulado de Cristo seja entendido, assumido e vivido como testemunho e um testemunho que se celebra desde a liturgia a vida; na liturgia o cristão reveste-se do Espírito Santo que o une a Cristo e o faz permanecer Nele⁸⁵.

⁸⁵ Cf. Cordeiro, *Da Liturgia a Vida*, 205.

CAPÍTULO 2: A FAMÍLIA NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO DA FÉ

Ao longo deste Capítulo, no qual nos vamos debruçar sobre o tema da família e que diz respeito aos homens de todos os tempos, queremos refletir sobre o papel que ela exerce no testemunho da fé.

Ter em conta que este «é um tema que se considera prioritário nos planos de qualquer sociedade organizada e é centro de interesse de quantos procuram o bem-estar e o progresso da comunidade humana»⁸⁶.

Por esta razão a família é a célula fundamental da sociedade, que gera os seus novos membros, forma a sua personalidade, transmite os valores essenciais da convivência civil como a dignidade da pessoa, a confiança recíproca, o bom uso da liberdade, o diálogo, a solidariedade, a obediência a autoridade e condiciona, em grande medida, as opções dos indivíduos em muitas áreas⁸⁷. Só partindo da compreensão e da função da família, do lugar que ela ocupa no geral, se pode refletir e apresentá-la como sustentáculo do testemunho da fé e do progresso espiritual que cada membro e que cada comunidade pode fazer. O Papa João Paulo II a propósito afirmou: «a família tem uma missão e ocupa um lugar no mundo contemporâneo e que para desempenhar tal missão, ela traz em si mesma valores e recursos imprescindíveis para os seus filhos, Igreja e sociedade» (FC 44, 50-53).

2.1. Família, comunidade de fé

De entre vários assuntos que são fulcrais, na abordagem deste tema, importa principiar por dois, que se fazem indispensáveis: a família como lugar de onde nascem os descendentes e a família como base de educação dos filhos⁸⁸.

O homem é constituído de corpo e espírito, estas duas vertentes intrinsecamente ligadas fundamentam a existência do indivíduo e o integram numa dinâmica de crescimento. Assim sendo, para compreender a caracterização da família é necessário ter em conta que ela não se limita apenas ao papel carnal, mas transcende-o, abrindo-se a uma dinâmica espiritual. É por de mais evidente que a cultura no seio de uma comunidade

⁸⁶ João Paulo II, *Homilia*, em Santa missa no encerramento da V Assembleia Geral do sínodo dos Bispos (Capela Sistina, 25 de outubro de 1980), 12-13.

⁸⁷ Cf. Conferencia Episcopal Italiana, *A verdade vos Tornará Livres*, 434.

⁸⁸ Cf. Conselho Pontifício para Família, *Sexualidade Humana: Verdade e Significado* (Lisboa: Paulinas, 1996), 33.

seja preponderante e necessária para a integração da pessoa enquanto membro dessa mesma comunidade, realçando a dimensão espiritual que exerce, um papel preeminente e de catalisação insubstituível.

A linha de enquadramento deste trabalho académico, visa olhar a perspectiva espiritual cristã e não só, considerando que a centralidade da ação missionária da Igreja passa pela família e ganha consistência e estabilidade. E no que diz respeito à perspectiva referida, o Papa João Paulo II, uma vez mais vem em nosso auxílio ao afirmar que a educação para a fé feita pelos pais a começar desde a mais tenra idade das crianças, já se realiza quando os membros da determinada família se ajudarem uns aos outros a crescer na fé, e graças ao testemunho de vida muitas vezes silencioso mas perseverante, e no desenrolar da vida de todos os dias vivida segundo Evangelho (cf. CT 68).

Por isso o considerar-se a família como o primeiro e o mais importante dos caminhos do homem, caminho comum, ainda que particular, único e irrepetível, como irrepetível é cada homem; um caminho do qual não se pode afastar o ser humano, normalmente ele vem ao mundo no ceio de uma família podendo se dizer que a ela deve o facto de existir como homem; daí que a família seja o horizonte existencial, como comunidade fundamental onde se radica toda a rede das suas relações sociais⁸⁹.

Neste enquadramento, é notório que o papel que desempenha a família na educação cristã dos seus filhos, terá inevitavelmente que estar interligada a uma instituição diocesana e paroquial, tendo em conta sobretudo, as exigências do tempo e a necessidade de fazer um caminho em conjunto como Igreja, para consequentemente existir uma base familiar cristã sólida. Esta simbiose entre Igreja familiar e Igreja eclesial carece de acompanhamento e orientação por parte da comunidade eclesial, para deste modo não ser um projeto individualizado, mas sim, um projeto da comunidade, para a comunidade e pela comunidade. O (cf. DGC 255). É claro ao considerar que a primeira responsabilidade no anúncio e educação da fé é de inteira responsabilidade dos pais, e com eles toda família e o mesmo nos diz o papa quando afirma: «poder-se-á dizer assim, que a família é insubstituível na educação religiosa e na catequese dos filhos, estas colocam a família no complexo da Igreja como verdadeiro sujeito de evangelização e de apostolado»⁹⁰.

⁸⁹ Cf. João Paulo II, *Carta do Papa às famílias: Ano internacional da Família* (Braga: Editorial A.O., 1994), 12.

⁹⁰ João Paulo II, *Carta do Papa as famílias*, 12-13.

Ao considerarmos a família como seio natural e o lugar por excelência onde são acolhidos os filhos como dom, é inevitável argumentar que existe uma vocação natural para a vida social, que necessita ser potenciada por forma a que os progenitores a ensinarem da melhor forma possível os seus descendentes na sociedade, nas mais variadas dimensões da vida, quer sejam elas de carácter biológico, emocional, psicoafectivo, etc. e nisto enquadra-se como conatural a dimensão religiosa; e aqui começa a função missionário da própria família que tem uma particularidade, que é fazer conjugar os valores cristãos aos valores humanos (cf. GS 52).

A família pela sua constituição natural apresenta-se como uma comunidade, um homem, uma mulher e os seus descendentes, pais, filhos e parentes, uma característica que constitui o ponto fundamental do seu ser, uma força motriz que aponta e indica uma meta a atingir, a unidade e o amor. A família é uma comunidade de pessoas, a mais pequena célula social, e como tal, é uma instituição fundamental para a vida de cada sociedade, por isso é preciso confiar na família e dedicar-lhe o melhor que se pode. A família da sociedade só espera ser reconhecida na sua identidade e aceite na sua subjetividade social (cf. FC 42).

O RICA 19 faz eco a esta realidade indicando que o facto de serem os pais os doadores da vida, têm também o direito originário e primário inalienável de serem os educadores, por esta razão, devem ser reconhecidos como os primeiros e os principais educadores dos filhos; isto se refere também a educação da fé. É obrigação e responsabilidade natural dos pais a educação dos seus filhos, uma educação sustentada em valores substancialmente cristãos, na inclusão da catequese desde cedo, na compreensão da estrutura da própria Igreja como família alicerçada na fé, e na participação dinâmica na comunidade como membros ativos e como testemunhas e exemplos de vida cristã, pois os pais são os primeiros catequistas das crianças.

Por esta razão é na família onde se começa a concretizar o itinerário da vida cristã que vai progressivamente amadurecendo, até chegar a uma realização efetiva, que compromete os membros a serem os sinais vivos da Igreja, presente no tempo e na história concreta de cada povo⁹¹. Nisto compreende-se, o porquê de os alicerces fundamentais da iniciação cristã principiar justamente no seio familiar, que desempenha esta função, não apenas como algo rotineiro e ordinário, mas sim como uma verdadeira missão ordenada pelo próprio Criador que se avizinha ser de carácter extraordinário, pois, tem o intuito de

⁹¹ Cf. Francisco De Mata Mourisca, *Maravilhas da Fé* (Lisboa: Difusora Bíblica 2012), 160 – 168.

ajudar as crianças a encontrar a sua vocação. Sublime vocação que faz ser necessário ajudar eficazmente a comunidade familiar cristã que se renova com a novidade do Evangelho e se volta cada dia mais a Jesus Cristo. A família transmite a fé e faz os possíveis para despertar o elemento religioso nos seus filhos e leva a cabo a responsabilidade de uma iniciação cristã em seus membros⁹².

A família é criada para se amar mutuamente e anunciar esse amor aos que a rodeiam, por essa razão, o amor é a condição necessária para que a família seja ela mesma, e viva as prerrogativas da sua natureza. Sem o elemento do amor, a família perde a substância que a constitui; o amor entre os esposos, o amor entre os pais para com os seus filhos, de irmãos para com irmãos, inclusive, o amor estende-se a todos os parentes familiares, sendo que na sua genesis é o que leva a família ser uma verdadeira comunidade conjugal. Os esposos, no seu desejo de o ser, se perspetivam na união, por isso, no livro de Gênesis (cf. Gn 2,24-25) se afirma a garantia de serem uma só carne, chamados a crescer através da fidelidade quotidiana e a permanecerem vinculados na comunhão. Uma comunhão que se estende aos filhos, nascidos deste amor, que originou a família como um todo, como uma unidade (pais e filhos). Esse desejo dos esposos que cria a união conjugal faz brotar a vinculação sanguínea dos filhos, a eles ontologicamente incorporados, e Deus abençoa essa união conjugal e a eleva ao grau sacramental.

Com o dom do Espírito Santo infundido na união conjugal, Deus, oferece aos homens uma imagem viva da comunhão do mistério da própria Trindade. A comunhão conjugal dá razão de ser e amplia os fundamentos da comunidade familiar, levando a família no seu todo a fazer uma experiência de união que se aperfeiçoa nos laços sanguíneos, mas também na caridade fraterna. Na comunidade familiar, onde cada membro ocupa o seu lugar, com igual dignidade e direitos, concretiza-se no itinerário de cada dia a integra doação de cada um, de tal forma que se constrói em conjunto a Igreja doméstica, na alegria e no sofrimento, com as virtudes e defeitos dos membros da família.

O compromisso cristão feito no dia do batismo, que anima a fé de cada batizado, será a porta que dará a sustentabilidade à família cristã para compreender o matrimónio cristão como uma graça, uma bênção e uma forma de participação do próprio amor de Deus, um amor que se faz família, um amor que é família, pois, Deus é Pai, é Filho e é Espírito Santo, ou seja, a Santíssima Trindade, a forma duma família perfeita. A fé do esposo e da esposa, unidos em matrimónio dá sustentação à educação cristã dos filhos

⁹² Cf. Conferencia Episcopal Española, *La Iniciación Cristiana*, 16.

como dom de Deus, que se reverte em ação de graças num compromisso de entrega e vida, voltada para o Senhor. A celebração do matrimónio dos esposos, é constituída em vista à vivência coerente do próprio batismo. No sacramento do matrimónio, os esposos vivem a sua consagração, dispostos a serem prossecutores da obra da criação e a viver à luz da fé, os valores cristãos, os quais, têm a responsabilidade de transmitir aos próprios filhos em primeiro lugar, com o testemunho de vida, de uma vida que se realiza no cotidiano.

Isto nos adverte que é na família, como comunidade doméstica, onde se exerce a prática do perdão, o exercício da caridade, da solidariedade, da partilha, da valorização do outro como filho ou filha de Deus⁹³.

A graça do Espírito Santo infundida aos esposos no dia do matrimónio, cresce e anima a vida espiritual e conjugal da família, levando-os a ser uma comunidade cristã ativa que vive o sacrifício pascal de Cristo, «Eles, participando com responsabilidade, no poder criador, aprofundando o mistério da sua aliança e entrega mútua, vivendo todas as vicissitudes da vida à luz do mistério da Cruz e da ressurreição, isto é, manifestando em fidelidade a natureza autêntica da Igreja, glorificam a Deus, consagram o mundo e se santificam a si próprios»⁹⁴.

2.2. A Família, lugar do primeiro anúncio da palavra

Uma primeira aproximação da realidade divina que ocorre na vida da criança, acontece neste altar, o altar da família. A Sacrossanto Concílio, alude a este respeito sublinhando a missão que os pais cristãos têm, em fornecer todos os meios necessários para a maturidade gradual da personalidade, sob o ponto de vista cristão e eclesial, isto é, favorecer um clima familiar e um sadio projeto de educação que proporcione um amadurecimento, uma aproximação e uma verdadeira encarnação do projeto de salvação na vida da família (cf. SC 39).

Se requer da família um testemunho de vida, de tal maneira comprometida, que o próprio modo de fazer, de estar, de ser, se configure e contagia a natureza humana, tornando os costumes cristãos favoráveis para o crescimento e maturação dos filhos; «o matrimónio por seu turno, não pode deixar de ser o grito mais eloquente da fé, na Igreja

⁹³ Cf. Francisco De Mata Mourisca, *Maravilhas da Fé*, 169.

⁹⁴ Andres, *A Paróquia, comunidade Evangelizadora*, 99.

e no mundo»⁹⁵. Em conformidade com o supracitado, os pais tornam-se os primeiros evangelizadores dos próprios filhos, uma evangelização efetiva, que se concretiza na oração frequente, na partilha da palavra de Deus, na meditação, na participação da eucaristia, no fomento das práticas de caridade, nas práticas do perdão e do sacrifício. Esta é, a verdadeira igreja doméstica, que de forma descontraída e afetiva, torna viva e encarnada, a verdade do Evangelho na própria família.

E partindo da família assim estruturada, e que procede dentro destes esquemas, abre-se a integração dos filhos as várias instituições da vida social, nas quais eles vão ser incorporados progressivamente, mas partem já com um perfil que vem de casa. Como consequência destas observações, importa incorporar todas as instituições possíveis na linha de apoio à família em suas necessidades; e a primeira a servir de cooperadora nesta obra fundamental da família seja o estado, pois, para educação dos filhos, entra necessariamente a participação do estado, já que os filhos são os novos membros a constituir a sociedade (cf. FC 40).

Família e estado são naturalmente responsáveis para educação dos filhos, e se os primeiros responsáveis são os pais que fizeram os filhos para a sociedade é claro que a sociedade que os recebe deve velar, não só a eles, mas proporcionar às famílias condições condignas, oportunidades de realização para assegurar a dignidade e o direito das mesmas famílias⁹⁶. Há implicações recíprocas derivadas da própria natureza das instituições e que requerem aproximação com penetrabilidade. As várias instituições existentes na sociedade, incorporem a integração familiar e vice-versa. Nisto, a família e a sociedade têm certamente uma função complementar na defesa e na promoção do bem de todos os homens e de cada homem; mas a sociedade, e mais especificamente o estado, devem reconhecer que a família, é uma sociedade que goza do direito próprio e primordial, e portanto, nas suas relações com ela, são gravemente obrigados a respeito o princípio da subsidiariedade (cf. FC 45). Este espeto, faz questão de delimitar aqueles que são os direitos inerentes a cada instituição permitindo assim uma própria realização, mesmo assim vista a integração e a participação de uma na estrutura da outra.

Considerada a função inicial que a família exerce na apresentação da proposta de uma vida segundo os ditames do Evangelho, importa sublinhar a ação contínua que a mesma família tem em manter viva e acesa a luz recebida no dia do batismo; pela sua natureza geradora e sustentador da vida, a família desempenhará ao longo de toda sua

⁹⁵ Francisco De Mata Mourisca, *Maravilhas da Fé*, 166.

⁹⁶ Cf. Conferencia Episcopal Italiana, *A verdade vos Tornará Livres*, 434

existência, a missão de viver conforme o Santo Evangelho, torna-se o lugar permanente no exercício da caridade, do exercício do amor. A LG 11, que fizemos questão de citar, apresenta a família como a igreja doméstica que, a seu modo, participa na missão salvadora da Igreja; e queremos entendê-la como uma expressão da Igreja, que como o próprio termo esclarece, significa igreja em casa, pequena igreja, a igreja em miniatura⁹⁷. Isto como referido, quer significar, este espaço de missão e de evangelização pois que com o sinal e reflexo do amor trinitário e como atuação original e imagem da Igreja, seja a primeira testemunha e o lugar da vivência da fé⁹⁸.

No mandato do Senhor onde todos os batizados são enviados a anunciar o Evangelho, batizando-os em nome do Pai do Filho do Espírito Santo e ensinando-os a cumprir o que o Senhor ordenou (cf. Mt 28,18-20), encaixa-se profundamente esta dimensão da família que, atualiza, testemunha, e realiza a missão de Cristo no lugar concreto em que se encontra. Assim como a família participa da alegria de ser por si mesma um dom de Deus, está chamada, a ser testemunha, e anunciador deste dom que recebeu de Deus, pelo que a ação da família, tem uma missão: que contagia, que irradia e efetivamente anuncia o Deus conosco, a presença amiga e misericordiosa de Deus no meio do seu povo. E neste exercício permanente de vida eclesial, a família exerce várias funções, que são funções da própria Igreja, a saber: a função profética, a função litúrgica, a função sacerdotal; ainda assim, encontramos os desafios de uma vida de anúncio, que se concretiza na vivência dos próprios valores humanos e cristãos. Com o sacramento do crisma que faz do cristão um homem adulto na fé, os membros da família, tornam-se apóstolos de Cristo.

No diálogo com os vários membros da sociedade, a família tem de fazer refletir aqueles que são os fundamentos da sua estrutura, um diálogo que se requer, e se deseja como fonte de anúncio de tal sorte que os outros cheguem a interrogar-se, admirar pelo seu modo de ser e perceber a diferença que brota desta entidade. Atitude de uma família exemplar, que faz do diálogo a chave da comunicação, demonstra a vivência do valor cristão do respeito do outro como imagem e semelhança de Deus, o respeito e o lugar que os filhos ocupam na família, como pessoas com direito a pronunciarem-se e a darem a sua opinião sobre os diversos aspetos inerentes a própria família, um diálogo franco e aberto mas também orientador, que permite criar laços de confiança de abertura, e de

⁹⁷ Cf. Manuel Pelino Domingues, *Formação Cristã de Pais* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1989), 75.

⁹⁸ Cf. Conferencia Episcopal Italiana, *A verdade vos Tornará Livres*, 434.

testemunho de uma vida enraizada em Cristo; seja a família a expressão da comunhão da Santíssima Trindade.

A fé que anima a vida da família deve ser publicamente confessada, a fé apresenta-se simultaneamente como uma convicção interior (a crença de que podemos confiar em Deus e recorrer a Ele) e como uma práxis exterior, a prática religiosa dos atos de culto e a prática de obras; professar a fé ou confessar, e declarar publica e solenemente a convicção interior e o compromisso de viver no dia a dia⁹⁹. Este é o papel da família entendida como lugar de fé, aquela que acredita no que professa, aquela que vive o que professa, aquela que anuncia o que vive, àquela que é testemunha dessas verdades no dia a dia da sua existência.

Em conformidade com esta compreensão, o ser família cristã torna-se uma humanização do próprio Mistério divino que, interiorizado pela família lhe confere pela graça de Deus uma estabilidade na unidade, lhe proporciona uma ação caritativa, uma ação que se estende a todos os homens na solicitude do bem comum. Lembrar, pois, que a fé começa sempre com uma experiência de encontro, Jesus fez uma experiência avassaladora de Deus como Pai/Mãe, amor incondicional e a partir dela, anunciou o Reino de Deus, que é o Reino da fraternidade, da alegria, da esperança, da liberdade, o reino das bem-aventuranças¹⁰⁰.

Por esta lógica, não se pode esquecer aquilo que é fundamental; o mistério redentor da humanidade, que permitiu que Cristo assumisse a nossa humanidade tem como fim a elevação da nossa humanidade a fazer parte do ministério da divindade, quer dizer, Deus em Jesus fez-se homem para fazer os homens participantes da sua divindade, e da experiência de comunhão de vida adquirida pela graça do batismo que a exemplo da Trindade Santíssima começa agora a ser experimentada e vivida nas famílias cristãs¹⁰¹.

2.3. O Papel da Família

Uma vez que conhecemos o papel fundamental da família na integração do homem na sociedade, apesar limites e dificuldades a que é sujeita, reconhecemos também o seu lugar insubstituível e fundamental enquanto espaço e lugar que educa para a vida e transmite os valores religiosos, culturais, para uma sã convivência e para um verdadeiro

⁹⁹ Cf. Domingues, *Formação Cristã de Pais*, 121.

¹⁰⁰ Cf. Anselmo Borges, *O Mundo e a Igreja que Futuro?* (Lisboa: Gradiva, 2021), 338.

¹⁰¹ Cf. Congar, *Introdução ao mistério da Igreja*, 26-27.

sentido de vida, de tal modo que se possa ter uma sociedade e um mundo harmónico. Este pensamento deduz que «a família é o lugar principal onde se adquirem os elementos essenciais da identidade e da personalidade que vão permanecer ao longo da vida; é o agente principal da personalização e socialização, é o espaço privilegiado da comunicação»¹⁰².

Dentre as várias funções da vocação familiar, a educação ocupa um lugar primordial, porquanto permite a integração do membro a família e a sociedade. Olhando para os documentos da Igreja, sobre o valor que a família ocupa na educação e transmissão da vida e da cultura, importa-nos sublinhar o que os pais que transmitem a vida aos filhos têm uma gravíssima obrigação de educar a prol e, por isso, devem ser reconhecidos como seus primeiros e principais educadores (cf. GS 3). Tal afirmação e convicção recomenda que aos pais se confia o dever de proporcionar um ambiente sadio para a animação no amor, a piedade, a sensibilidade, a sociabilidade e outros adjetivos, que se constituem desde já virtudes sociais adquiridas num ambiente familiar, que a própria família deve transmitir.

A educação integral do indivíduo é da inteira responsabilidade da família, enquanto participante no mesmo processo da criação iniciada por Deus, como o mesmo documento afirma. Nesta linha de pensamento, a Igreja entende a família como participante, cooperadora, continuadora da ação criadora de Deus e chamada a ser o veículo principal e o canal fundamental da instrução e integração dos filhos na sociedade.

Assim, a educação constitui-se dever fundamental prioritário dos pais, por estar intrinsecamente ligada à transmissão e a fonte da vida. É nesta convicção, de que a família se constitui um núcleo básico da educação e instrução dos membros de uma sociedade, é também reconhecida pelas entidades civis da sociedade; de tal sorte que a Carta Universal dos Direitos Humanos concebe tal faculdade assim como a concebe a Igreja, e avança dizendo que «reconheçamos que o desenvolvimento integral da pessoa é fruto da educação e que esta é da competência dos pais a quem cabe o direito de escolha pelo tipo concreto da educação que desejam para os seus filhos»¹⁰³.

E porque o homem é um ser social, chamado naturalmente à integração e à partilha da vida na sociedade, a sociedade e as diferentes instituições a ela ligadas ocupam também o seu lugar de destaque, participando no processo de integrar e influenciando quer os indivíduos, quer a própria sociedade a orientar-se por metas desejáveis. Podemos aqui

¹⁰² Borobio Dionisio, *Sacramentos y Familia* (Madrid: Ediciones Paulinas, 1993), 74.

¹⁰³ Declaração Universal dos Direitos do Homem, 26.

considerar a escola nas mais variadas vertentes, como uma das mais significativas, sem tirar mérito e valor a tantas outras.

Importa realçar, que entendemos por família, os cônjuges e outros membros a ela anexa; mas compete sobretudo ao pai e à mãe, assumirem simultaneamente esta tarefa particular da educação como um processo onde os progenitores desempenham juntos a mesma missão. Cada vez mais a ciência e a experiência de vida nos levam a concluir que os filhos aprendem com o exemplo dos pais o sentido da vida. Mais do que as palavras, os exemplos e atitudes, a postura de vida, a escolha do modo de ser e de estar dos pais determinam fundamentalmente a educação dos filhos.

Portanto, a educação não é um conjunto de transmissões orais, mas partilha de vida, forma de ser e de estar da própria família, quer na sociedade quer na família restrita. A exemplo disto, e referindo-se aos vários elementos da integração educadora, a Igreja fala da educação sexual como sendo equilibrada e frutuosa se apreendida desde o berço familiar, a educação para o amor como dom de si constitui também a premissa indispensável para os pais chamados a dar aos filhos uma clara e delicada educação sexual (cf. FC 37).

A família joga o papel de primeira escola de socialização; por isso, ao exercer com afinco o seu papel, permite que, ao ser inserido progressivamente num ambiente mais alargado da sociedade no sentido lato, o novo indivíduo entre nela com princípios e valores que o permitam cooperar e colaborar na construção de sociedades verdadeiramente bem erigidas, que garantam a comunhão e a colegialidade de todos os membros nelas integradas. É na família onde a criança aprende tudo o que lhe proporcionará a razão de viver. Por isso, a família joga um papel preponderante no processo de iniciação dos filhos na vida pessoal, social e religiosa e os pais são os principais protagonistas desta integração.

A pensar assim, iremos com certeza querer saber: como é que, no processo da iniciação cristã, que é o nosso tema de reflexão, a família ocupará e ocupa um papel insubstituível? Só com famílias verdadeiramente transmissoras de valores e de princípios será possível falar da transmissão valores do Evangelho. Só com famílias comprometidas a sério a nossa reflexão ganhará sentido e teremos de assegurar-nos naqueles que são os valores e princípios da família como base substancial da aquisição e transmissão da educação, como o Papa João Paulo II já pré-anunciara que a futura evangelização depende em grande parte da Igreja doméstica (cf. FC 52).

CAPÍTULO 3: LEITURA CRÍTICA DOS DOCUMENTOS DA CEAST SOBRE A PASTORAL CATEQUÉTICA

Neste capítulo a nossa reflexão pretende reconhecer a preocupação da Igreja em fazer chegar o Evangelho às terras de Angola. Uma preocupação derivada da natureza da missão da Igreja, missão evangelizadora, considerada como a menina dos olhos da Igreja¹⁰⁴. Este processo foi realizado em progressivas fases ligadas a colonização e descolonização do continente africano a começar com a criação da Diocese do Kongo em 1596 num território ligado aos Reinos de Angola e Kongo, um processo que contou com diferentes intervenientes para ter o sucesso que mereceu, sobretudo realizado pelo clero secular, jesuítas e capuchinhos¹⁰⁵.

Levado pelos ventos históricos da colonização o Evangelho chega às terras de Angola em 1482-1483, onde encontra um povo cujo substrato natural é religioso e que aceita o convívio com o cristianismo de forma pacífica, numa luta contínua de purificação e conversão da religião natural ao cristianismo¹⁰⁶.

Pretendemos neste momento apresentar a preocupação da Igreja Angolana fazendo uma leitura e apreciação das cartas e documentos da CEAST, que com afínco e atenção se preocupa para que a Igreja implantada seja no tempo, capaz de traduzir em vida os valores do Evangelho vividos em união com a Igreja universal¹⁰⁷.

A leitura crítica que pretendemos referir visa olhar os caminhos percorridos, a fidelidade as orientações do magistério central da Igreja numa filiação obediente e comprometida que saiba ser naquele território a expressão da unidade da Igreja.

¹⁰⁴ Cf. Yves Congar, *No meio da Tormenta* (Lisboa: União Gráfica, 1970), 30-35.

¹⁰⁵ Cf. Tony Neves, *As Igrejas e o Nacionalismo em Angola*, em *Revista Lusófona De Ciência Das Religiões* VI. n. 13/14, (2007), 517.

¹⁰⁶ Cf. Lorenzo da Fara, *La Missione Dei Cappuccini Venneti In Angola* (Limena: Colibrì Editrice, 1996), 13-14.

¹⁰⁷ Cf. Manuel Gonçalves, *A Igreja entre a Guerra e a Paz: Documentos Episcopais 1974-1988, Coletânea* (Luanda: Edição da CEAST, 1988), 4.

3.1. Situação sócio-geográfica de Angola

Este ponto permite-nos uma localização e enquadramento geográfico do País seguida de uma brevíssima leitura social para que com pés firmes possamos situar-nos.

Angola localiza-se na Costa Atlântica Sul da África Ocidental, fazendo fronteira terrestre com o Kongo Brazzaville, República Democrática do Kongo e Zâmbia ao norte-orientado; a sul faz fronteira com a República da Namíbia¹⁰⁸ e banhada com o Oceano Atlântico. Na região subsariana ocupa uma área de 1.246.700Km² com uma divisão administrativa correspondente a 18 províncias a saber: ao norte, Cabinda, Zaire, Uíje, Bengo, Kwanza Norte, Malange e Luanda (Capital do País). Ao centro as províncias do Kwanza Sul, Bié e Huambo; ao leste, Lunda Sul, Lunda Norte e Moxico; ao sul as províncias de Benguela, Huila, Namibe, Cunene e Kwando-Kubango. No censo de 2014, Angola tinha uma população de Vinte e Cinco Milhões e Setecentos e Oitenta e nove mil e vinte e quatro habitantes (25.789.024).

A sua localização geográfica permite distribuir a população por etnias dentro do território nacional sendo que mais a norte encontramos os Ibindas na Província de Cabinda; os Kikongos ocupando a vasta região correspondente as províncias do Zaire, Uíje, Kwanza – Norte e Bengo representando mais de 10% da população nacional. A língua usual nesta zona é o Kikongo, predominante também no antigo Reino do Kongo mas que atualmente só 8,24% da população fala.

Temos o grupo Kimbundo ocupando as províncias de Luanda, Bengo kwanza-Norte, Malange e parte do Kwanza-Sul e Uíje; uma terça parte da população nacional fala a língua Kimbundo.

O grupo linguístico Umbundo, estende-se a região Centro Sul do País, o Planalto Central, com as províncias de Huambo, Benguela, parte do Kwanza-Sul, é o principal grupo étnico de Angola consequentemente com maior aglomerado populacional. É a língua mais falada no país numa percentagem de 22,96%.

O grupo Tshokwe e Nhaneka localiza-se nas províncias do Moxico e Lunda-sul sendo que os Kwanyamas e Muhumbi se localizam nas províncias do Namibe, Cunene e

¹⁰⁸ Cf. Manuel Nunes Gabriel, *Angola Cinco Séculos de Cristianismo* (Queluz: Literal, 1978), 23.

Huila. Temos ainda o grupo khoi-san – Bosquímanos localizam-se nas províncias do Namibe, Cunene, Huila. Um grupo mais reduzido e muito movidíssimo¹⁰⁹.

3.2. Breve narrativa da História da Evangelização de Angola

Desde este primeiro momento da chegada do Evangelho no Reino do Kongo em (1482-1483) até aos nossos dias, um percurso de mais de quinhentos anos, o processo de evangelização de Angola passou por várias fases sustentadas por várias entidades e intervenientes que por si tudo fizeram para que as sementes do Verbo nascessem e crescessem até a formação de uma Igreja local. A história regista que os primeiros cristãos do Reino do Kongo, tenham sido batizados na viagem de regresso da primeira expedição de Diogo Cão, o descobridor do Reino do Kongo em 1482, pelo que seriam batizados em 1490.¹¹⁰ Considera-se ser importante a leitura destes factos numa sequência histórica faseada uma vez que pela extensão territorial não foi possível ter chegado numa só vez em todo o território do então Reino do Kongo a mensagem do Evangelho. E porque são vários os grupos que aí partem para missão, alguns chegam e já encontram o Evangelho implantado, «quando Paulo Dias de Novais chegou a Ilha de Luanda em 1575, já encontrou uma capela construída pelos portugueses em honra a Nossa Senhora da Conceição e havia alguns africanos batizados»¹¹¹.

Não pretendemos refazer uma história que parta dos primeiros séculos de evangelização aos nossos dias, tarefa que, ser-nos-ia longa. Considerando que ao longo deste percurso várias instituições religiosas como Padres diocesanos, jesuítas, dominicanos, franciscanos, terciários regulares e cônegos regulares de Santo Agostinho¹¹², entre outros mandatados pela hierarquia da Igreja procuraram implantar a mensagem do Evangelho nas terras de Angola¹¹³, vamos eleger um grupo (Instituição – Capuchinha) e com ela fazer este percurso. Uma vez, porém, que a mesma instituição fez

¹⁰⁹ Cf. Gabriel, *Angola Cinco Séculos de Cristianismo*, 24-27.

¹¹⁰ Cf. Afonso Nteka, *Construtores do Reino: Reflexão sobre a acção evangelizadora dos catequistas na diocese do Uíje -Angola*, ed. Vicente Carlos Kiaziku (Pádua: Segretariado Missioni Cappuccini,2003), 48-49.

¹¹¹ Manuel Nunes Gabriel, *Angola Cinco Séculos de Cristianismo*, 67.

¹¹² Nteka, *Construtores do Reino*, 49.

¹¹³ Cf. Costa Cândido Ferreira, *Cem Anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola, 1866-1966* (Nova Lisboa: edição dos Espiritanos, 1970), 430.

também um percurso de evangelização desde as origens, focar-nos-emos na segunda evangelização¹¹⁴.

A preocupação da Santa Sé e do Rei do Kongo D. Álvaro III (1615-1622) para que os Capuchinhos participassem na evangelização do Kongo foi verificada demonstrando ter havido de antemão um interesse por eles. Fala-se da desejada presença de irmãos Capuchinhos espanhóis em 1618 e de italianos em 1641, mas que por diversas vicissitudes terão falhado na realização da viagem¹¹⁵. O primeiro grupo de irmãos Capuchinhos oficialmente reconhecido e credenciado pela Propaganda Fidei, chegou no Reino Kongo em setembro de 1645 e foram bem recebidos pelo Rei do Kongo Garcia II¹¹⁶. Seguido a este primeiro grupo foram chegando muitos outros que se espalhando sobretudo na região norte e centro do País levavam a mensagem batizando.

3.2.1. O Projeto catequético da CEAST

Nesse projeto, incluímos todos os atores que participaram desde então na elaboração e na atuação da catequese em Angola, nomeadamente os bispos, os missionários/as e os catequistas a nível das diferentes dioceses angolanas.

Partimos do princípio de, que desde que a conferência foi fundada (CEAST), a sua maior preocupação foi a evangelização dos povos, respeitando as culturas angolanas locais (bakongo, kimbundo, umbundu, kwanhama, nganguela, Tchokwe, etc) e aproveitando da religiosidade das mesmas culturas para anunciar o Evangelho.

Para isso, o processo catequético foi e é o mais adequado para atingir estas culturas. Portanto, formulámos esta pergunta de partida: qual seria o processo catequético que mais responde à uma efectiva inculturação tendo presente os valores culturais que o evangelizador encontra? A hipótese que formulámos seria a seguinte: uma vez que os métodos tradicionais da Igreja traçaram o catecumenado como o itinerário mais apropriado para a assimilação dos valores evangélicos, em Angola o projecto catequético

¹¹⁴ Ordem Frades Menores Capuchinhos, *Os Capuchinhos em Angola Hoje*, 1ªed. (Luanda: EAL - Edições de Angola, 2016), 35-38.

¹¹⁵ Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, *os Capuchinhos em Angola Hoje*, 35-36.

¹¹⁶Cf. Fara, *La Missione dei Cappuccini Veneti in Angola*, 33.

não pôde ser formulado fora deste padrão, tal como o Directório Pastoral da CEAST nos diz, algo que continua até hoje a ser actual¹¹⁷, acurralando-se ao Direito Canónico¹¹⁸.

A implementação deste mesmo projecto, nas comunidades pertencentes às diversas culturas, exige métodos que se aplicam nos diferentes contextos sócio-culturais. O primeiro foco para uma intervenção adequada não pode ser realizado sem ter em conta a primeira estrutura da sociedade que é a família, situação realçada já no capítulo anterior. Pois, é no seu seio que a fé encontra o seu berço, a sua educação e a sua maturidade¹¹⁹.

Desde então, o operador primário da catequese familiar sempre foi o catequista. Com ele e com seu testemunho as famílias começaram a aderir à fé e à educação cristã dos filhos. O catequista sempre foi aquele que promoveu uma verdadeira catequese familiar. «O catequista local é o animador, promotor e orientador da catequese ou comunidade local, sob a dependência do catequista regional e do missionário»¹²⁰.

Aproveitamos sublinhar que um dos métodos da Conferência Episcopal angolana incide directamente no seio familiar. Este método atinge o seio da própria família que se torna comprometida e responsável no anúncio da fé, a partir dos seus próprios membros. Compreende-se que «A família tem sido objeto de estudo e preocupação não só da solicitude pastoral da Igreja, mas também das ciências sociais, especialmente da psicologia. Inúmeros estudos e pesquisas abordam as questões mais relevantes concernentes à família, quer na experiência positiva, quer nas influências negativas e comportamentais provenientes da crise familiar»¹²¹.

Como já tivemos oportunidade de considerar, sustentados pelos registos existentes, sabemos que o Evangelho chegou às terras de Angola por meio da expedição portuguesa sob comando de Diogo Cão, no reinado de Dom João II em 1482¹²². Foi penetrando progressivamente com altos e baixos e permanece até aos nossos dias¹²³, que com o seu protagonismo trouxeram a mensagem cristã a esta terra e confirma-se a

¹¹⁷ Cf. Conferência Episcopal de Angola e São Tomé e Príncipe (CEAST), *Directório Pastoral* (Luanda, 2018), 451-457.

¹¹⁸ Cf. Cânone 773.

¹¹⁹ Cf. CEAST, *Directório Pastoral*, 482. Cânone 793; 226.

¹²⁰ Diocese do Uíje, *Directório Do Catequista* (Uíje, 1997), 2-3.

¹²¹ Juventino Kesterling, «Família: Ninho Da Catequese», *Revista Encontros Teológicos*, vol. 8, n.2, (1993) 24–26.

¹²² Cf. Gabriel, *Angola Cinco séculos de Cristianismo*, 55.

¹²³ Cf. Gabriel, *Angola Cinco Séculos de Cristianismo*, 57.

aceitação pacífica desta bem, como o batismo de representantes da comunidade da altura¹²⁴.

Dentre os grupos de evangelizadores que atuaram em Angola destacam-se os do clero secular, jesuítas, franciscanos, capuchinhos e carmelitas. Dada a complexidade de atividades e a vasta área geográfica em que cada grupo se situava, escolhemos realçar a ação missionária realizada pelos Capuchinhos desde a segunda fase da sua presença que começa em 1948.

Em 1940, depois de todas as querelas políticas que se deram entre o estado português e a Igreja, particularmente com a Santa Sé, finalmente chegou-se a assinatura de uma concordata entre a Santa Sé e o Governo português, acordo relativo à ação missionária nos territórios do ultramar. Com a bula *Sollemnibus conventionibus* de Pio XII marcava-se uma nova era de regulamentação e uma nova circunscrição eclesiástica era formada. Assim, a Arquidiocese de Luanda e as Dioceses de Nova Lisboa e de Silva Porto abrangiam toda Angola e se incluía ainda São Tomé.¹²⁵

Esta nova configuração exigia um novo impulso missionário, pelo que, nesta lógica, em 1947, o então Arcebispo de Luanda Dom Moisés Alves de Pinho, contactou pessoalmente, em Roma, o Superior Geral dos Capuchinhos, Frei Clemente de Milwaukee como ele próprio afirma: «Mons. Moisés Alves de Pinho, com o qual tivemos longa conversa durante sua breve visita aqui em Roma, desejou que a missão capuchinha voltasse a desempenhar a sua missão iniciada no processo de evangelização»¹²⁶, no sentido de que os Capuchinhos voltassem para as suas antigas missões em Angola depois de 113 anos ausentes delas por razões diversas¹²⁷. Assim, numa pronta resposta ao apelo do geral a então Província Capuchinha de Veneza dispôs-se a assumir o desafio e no dia 13 de março de 1948 chegaram a Luanda por via marítima os primeiros 8 irmãos capuchinhos (Frei Graziano de Leguzzano, (superior), Zeferino de Cassacco, Ginepro (Ezio) de Valdiporro e o Irmão não clérigo Giuseppe de Reana e com o irmão da Terceira Ordem Giovanni Battista de Alba¹²⁸.

¹²⁴ Cf. António da Silva Rego, *Lições de Missiologia* (Lisboa: Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1961), 272.

¹²⁵ Cf. Gabriel, *Angola Cinco Séculos de Cristianismo*, 257.

¹²⁶ Fara, *La Missione Dei Cappuccini Veneti in Angola*, 62.

¹²⁷ Cf. Capuchinhos, *Os Capuchinhos em Angola*, 57.

¹²⁸ Cf. Fara, *La Missione Dei Cappuccini Veneti in Angola*, 65.

3.2.1.1. Os capuchinhos no projecto catequético da CEAST

No recomeço desta missão juntaram-se muitas coincidências que nos ajudarão a perceber e a ler sobretudo o caminho percorrido pela Igreja angolana num momento de libertação colonial.

Queremos referir-nos à coincidência ao considerarmos o ressurgimento dos Capuchinhos em Angola nesta fase que se considera a segunda (1948) e também da criação da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (CEAST) já em 1967, e, ainda, da criação da Diocese do Uíge e Mbanza Kongo, lugares onde os capuchinhos exerceram e exercem a sua missão. Podemos olhar para esta ação evangelizadora única e contínua em quatro momentos sem fazer grandes distinções, mas sublinhando os acontecimentos e referências.

O primeiro grupo de frades Vénetos- Italianos chegou a Luanda depois de passar por Lisboa no dia 30 de junho de 1948 e recebidos pelo Arcebispo que os convidara, foram destinados a missão de São Paulo, em Luanda, que se tornou a primeira casa dos Capuchinhos nesta segunda fase de evangelização. Aos poucos foram assumindo novas responsabilidades em vários pontos do território nacional, a saber: Camabatela e Damba. Nisto e com presença de vários frades que foram chegando, a Santa Sé erigiu em 1951 a «Missão de Angola» sendo o Superior dos frades o Frei Graciano Sacardo, que se preocupou em reconquistar os espaços onde haviam passado os Capuchinhos da primeira evangelização, por isso, um ano depois assumem a Missão de S. Salvador do Congo (Mbanza Kongo) antiga sede Capital do Reino do Kongo¹²⁹.

Uma nova evangelização os desafiou com atitudes viradas para a valorização da dignidade da pessoa humana, numa intervenção sócio-cultural multiforme, resultado da orientação da Conferência Episcopal que, por isso, os enviou a todas as zonas do norte do país¹³⁰. Reabriram missões antigas, criaram escolas e centros de formação profissional para homens e mulheres e começaram um processo catequético que atingia todos os bairros e povoações pertencentes à Diocese Uíge e Mbanza Kongo e de Luanda.

¹²⁹ Cf. Ordem frades Menores Capuchinhos, *Os capuchinhos em Angola hoje*, 58-59.

¹³⁰ Cf. CEAST, *A Igreja em Angola entre a Guerra e a Paz, Documentos Episcopais 1974- 1998* (Luanda: Secretariado de Pastoral, 1998), 4.

Neste primeiro desafio não há uma preocupação expressa em formar candidatos a Ordem Capuchinha, mesmo se consideramos a existência de muitos que serão admitidos na Ordem. Porém, o foco central é a missão ad Gentes; catequese e ação social de promoção da dignidade humana.

Um aspecto importante a considerar é a Conferência de Berlim, que não é nosso propósito tratar nesta temática, porém urge fazer um parenteses para se compreender a passagem de um governo que é do Reino do Kongo que abrangia vários Países da África que tinha por capital Mbanza Kongo e cuja evangelização abrangia os vários espaços, que com a conferência de Berlim foram reduzidos e divididos em vários Países destruindo assim a configuração de Reino que antes predominara.

Tudo isto acontece em 1884-1885 quando o Chanceler Alemão Bismarck convoca a realização desta conferência com o fim de repartir a África por áreas, dando supremacia aos Países colonizadores em ficarem com limites definidos nas zonas por eles exploradas¹³¹. Não foram respeitadas regras de existência cultural, nem étnica, desfazendo linhagens familiares e grupos bem estruturados que passaram a fazer parte de outras configurações políticas. É nesta senda que temos Angola dividida naquelas que são hoje as dezoito províncias, esta divisão criou danos relevantes a África jamais possíveis de solucionar¹³². Esta situação condicionou a CEAST a olhar para a necessidade de uma pastoral catequética com incidência nas famílias destruídas.

Por isso mesmo, os capuchinhos empreenderam a formação de catequistas, que sendo conhecedores das línguas locais, ligados aos usos e costumes dos povos, pudessem atingir a sensibilidade das comunidades, passando a mensagem evangélica¹³³.

Ocupavam-se, ainda, na elaboração de manuais de catequese em línguas nacionais, a exemplo do Kikongo e Kimbundu, etc, que permitiam primeiro aos catequistas uma orientação e a transmissão da Doutrina em conformidade com o projecto da CEAST. Eram catecismos para crianças, jovens, adultos e casais para diferentes sacramentos¹³⁴.

¹³¹ Cf. John Baur, *2000 Anos de Cristianismo em Africa. Uma História da Igreja Africana*, trad. Afonso Teixeira (Lisboa: Paulinas, 2002), 447-452.

¹³² Cf. Firmino Ernesto Kakulo e Alberto de Moraes, *Angola uma História Uma perspectiva* (Pádua: Propaganda, 2015), 19-22.

¹³³ Cf. CEAST, *A Igreja em Angola entre a guerra e a paz: Documentos Episcopais 1974-1998*, (Luanda: Secretariado de Pastoral, 1998), 17.

¹³⁴ Cf. Diocese do Uije, *Directório Do Catequista*, 3.

3.3. A Pastoral catequética e a formação de Catequistas

Depois de termos entrado nesta grande caminhada de evangelização de Angola, que desde os mais longínquos tempos procurou encontrar métodos para realizar com eficácia a sua implementação, importa considerar a figura dos catequistas como um elemento fundamental na ação evangelizadora.

Não é possível falar da evangelização nas suas mais variadas componentes sem incluirmos o papel insubstituível que este grupo de homens e progressivamente mulheres leigas exerceram¹³⁵. Um conjunto humilde de homens quase sempre com diferentes qualificações e até pouca formação, mas que são as vanguardas da evangelização em todos os tempos.¹³⁶

Ao ler a história, compreendemos como desde os primórdios e ainda na Missio Antiqua¹³⁷ era patente a preocupação dos missionários em lidar e formar os intérpretes que os colocavam em contacto com as comunidades, estes intérpretes eram os catequistas que exerceram e exercem um papel muito singular, muitas vezes ignorado em detrimento dos missionários, mas fundamentalmente presentes em toda a ação evangelizadora¹³⁸.

Num período onde a língua indígena era pouco dominada pelos missionários, reza a história que chegaram mesmo a ser tradutores e intérpretes até em serviços na audição confessional, um ato que mereceu acérrimas críticas, mas que se reconhecem existentes ainda nos primórdios da evangelização e registados no século XVII¹³⁹. E esta situação, já desde o início, impunha que os missionários se empenhassem em aprender a língua local como meio necessário para realizar a sua missão. Nesta fase de evangelização encontramos como exigência vinda da própria Conferência Episcopal, para que o ensino, a promoção humana e o progresso social se tornasse patentes na ação evangelizadora¹⁴⁰. Continuam a desempenhar uma atividade fundamental na vivência e expansão da Igreja no meio simples das comunidades.

¹³⁵ Cf. Diocese do Uíje e São Salvador, *Diretório do Catequista* (Uíje: Secretariado de Pastoral, 1976), 3.

¹³⁶ Cf. Gabriel, *Angola Cinco Séculos de Cristianismo*, 595.

¹³⁷ Primeira evangelização realizada pelos Capuchinhos no território de Angola.

¹³⁸ Cf. Graziano Saccardo, *Note Sulla Metodologia Missionaria dei Capuccini al Congo e al- L'Angola, em Italia Franciscana*, vol. 55 (1990), 373.

¹³⁹ Cf. Nteka, *Construtores do Reino*, 55.

¹⁴⁰ Cf. CEAST, *A Igreja em Angola entre a Guerra e a Paz*, 5.

Como nos diz o Papa Francisco: «A fidelidade ao passado e a responsabilidade pelo presente são as condições indispensáveis para que a Igreja possa desempenhar a sua missão no mundo»¹⁴¹. É reconhecido que de forma estável eles desempenham este serviço de transmissão da fé com competência e perseverança, estando em frente de comunidades em diferentes regiões, realizando uma missão insubstituível na transmissão e aprofundamento da fé¹⁴². O que antes era simplesmente ajuda aos missionários hoje percebemos ser um papel que, além de ajuda, o desempenham como cristãos empenhados e comprometidos a viver a sua fé e a transmitir o que vivem às novas gerações. O reconhecimento eclesial do papel destes homens em toda a Igreja, levou a sua função à dignidade entre os maiores ministérios da Igreja.

O ministério de catequista tem um forte valor vocacional que requer o devido discernimento. Reconhecemos neste ministério de catequista uma grande variedade de formas ou funções e sublinhamos algumas: a missão específica da catequese e de evangelização; a participação nas várias formas de apostolado como guias da oração comunitária¹⁴³, assistências aos doentes, as celebrações de funerais, a formação de outros catequistas, a coordenação de iniciativas pastorais, ajuda aos pobres¹⁴⁴. Mas além disto, reconhecemos estes homens como professores, alfaiates, agricultores, etc. Homens e mulheres empenhados e disponíveis a passar a sua experiência e a colaborar no progresso das comunidades¹⁴⁵. Portanto, não podemos deixar de lado o seu papel, a presença forte destes homens na Igreja e na sociedade, servindo ao mesmo tempo de medianeiros entre os cristãos e as pessoas espalhadas pelo território e as instituições eclesiais (função do laicado em geral).

O recente Motu próprio do Papa Francisco sobre o Ministério do Catequista sublinha que é tarefa das Conferências Episcopais clarificar o perfil, o papel e as formas mais coerentes para o exercício do ministério dos catequistas no território da sua competência, sem confundi-lo com outros serviços¹⁴⁶.

¹⁴¹ Papa Francisco, *Antiquum Ministerium*, (Roma, 2021), 5.

¹⁴² Cf. Diocese do Uíje e São Salvador, *Diretório do Catequista*, 1.

¹⁴³ Cf. LG 33.

¹⁴⁴ Cf. Papa Francisco, *Antiquum Ministerium*, 6

¹⁴⁵ Cf. Diocese do Uíje, *Diretório do Catequista*, 39.

¹⁴⁶ Cf. Papa Francisco, *Antiquum Ministerium*, 9.

3.3.1. As escolas de Catequistas

As escolas de catequistas criadas ao longo da ação pastoral são o sinal evidente de uma preocupação que invadia a consciência dos pastores e procurava responder a este grande desafio. Foi sempre um desafio que a missão Capuchinha impunha e quando em Angola não havia ainda possibilidades, enviavam-nos a formarem-se em Portugal e na Itália.¹⁴⁷

Com a independência do País em 1975, o novo governo assume o controlo da situação da educação e apesar de estar no currículo o ensino religioso, na prática não se efetivava, havendo, por isso, a necessidade de os missionários criarem as próprias escolas e especialmente as escolas de catequistas para o empenho missionário¹⁴⁸. Para tal, há um decreto da Conferência que recomenda o mesmo de forma explícita, «haja a criação de Escolas Diocesanas de Catequistas onde e quando seja possível e a honesta sustentação dos catequistas diplomados»¹⁴⁹.

E se esta é uma verdade imperativa para a Conferência, para a Diocese do Uíje é uma realidade unanimemente reconhecida pela Igreja angolana em crescimento que considera haver pouca presença de efetivo missionário para a região fazendo com que muitas comunidades cheguem a ter visitas do sacerdote apenas uma ou duas vezes por ano¹⁵⁰.

Por causa desta situação, o catequista passa a ser o agente de pastoral mais regular na estrutura da Diocese como assinala o Artigo 3º do Directório do Catequista, com as seguintes funções desempenhadas por ele: «presidir à Celebração da palavra ao Domingo e durante a semana; administrar o Baptismo aos moribundos segundo o ritual romano; organizar o catecumenado e dirigir a catequese das várias categorias das pessoas e sacramentos (crianças, jovens, adultos e casais; para o Baptismo, Profissão de Fé, a Crisma e o Casamentos), recorrendo à colaboração de outras pessoas idóneas; convocar e presidir ao Conselho de Catequese, como norma, uma vez por mês; visitar os doentes, dando-lhes a bênção ritual e cuidar da vida sacramental dos mesmos; presidir o funeral religioso (sepultura eclesiástica) dos que a ele tem direito, usando o ritual próprio; acolher, segundo o ritual apropriado, a apresentação das crianças recém-nascidas e velar

¹⁴⁷ Cf. Gabriel, *Angola Cinco Séculos de Cristianismo*, 60.

¹⁴⁸ Cf. Nteka, *Construtores do Reino*, 129.

¹⁴⁹ CEAST, *Directório Pastoral* (Luanda, 1969), 81,3.

¹⁵⁰ Cf. Nteka, *Construtores do Reino*, 130.

porque não falte oração diária na Capela, de manhã e à tarde. De manhã, celebração da palavra e à tarde, o terço»¹⁵¹.

Diante da preocupação da Igreja de Angola em vista à situação da evangelização, os frades Capuchinhos reuniram todos os responsáveis das comunidades em Luanda, casa central, em 1966 e foi colocada a preocupação de tratarem de ver a questão da criação de uma escola para formação de catequistas, e ficou decidido em unânime que fosse em Kamabatela. Com empenho e compromisso, imediatamente nos anexos das estruturas da missão começaram a formação de catequistas em sistema de internato. Homens vindos das Missões de Kangola, Sanza Pombo, Damba, Maquela do Zombo, kikulungo, Samba Caju; em dezembro de 1968, o Arcebispo de Luanda, Dom Manuel Nunes Gabriel confere a missão canónica aos 22 primeiros catequistas diplomados¹⁵².

Dado que a região de Kamabatela é uma zona de língua Kimbundo e uma grande maioria dos novos catequistas para a formação provinham da zona kikongo, por decisão consensual entre o Bispo e os superiores das Capuchinhos, decidiu-se que se abrisse uma outra escola no Uíje, uma escola diocesana, sendo que para os catequistas da Zona de Kamabatela, Samba Caju e kikulungo ficassem sob cuidado da missão de Kamabatela; assim aos 15 de Maio de 1972 é aberta a escola diocesana dos catequistas no Uíje.

Grande empenho e dinamismo é dado a esta escola, com os vários missionários a lecionar e formar catequistas que o fazem em regime de internato num período de dois anos.

Os frades criaram uma comissão responsável pela respetiva formação, que estudava e dava solução aos vários problemas e necessidades que se impunham, desde a logística até ao processo formativo incluindo os professores. Decidiram lecionar as seguintes matérias: Sagrada Escritura, Pastoral Catequética, Etnologia, Direitos Humanos, e Formação Humana¹⁵³.

A mesma comissão, em 1974 numa reunião, em Kamabatela, decidiu que passariam a dar formação a todos os catequistas usando o novo Catecismo em vigor «Africa a Caminho da Vida». Com uma experiência frutífera em Kamabatela, adotou-se um método de reunir num mês definido e para uma formação de 15 dias para grupos alternados, algo que se prestou frutífero.

¹⁵¹ Diocese do Uíje, *Directório do Catequista*, 2.

¹⁵² Cf. Lourenzo da Fara, *La Missione dei Capuccini Veneti in Angola* (Limena: Colibri, 1996), 166-167.

¹⁵³ Cf. Comissão da Catequese e Liturgia, «Acta da Reunião n. 3», em *Actos da Missão Regular dos Capuchinhos de Veneza*, (1974), 55-56.

Um grande empenho com criação de opúsculos traduzidos nas diversas línguas se foi adaptando e potenciando o quanto possível estes homens que, lançados na frente da comunidade, se tornaram os grandes anunciadores.

Foram publicadas várias obras e livros para apoio ao serviço da catequese como: Gramática de Kimbundo; Livro de Cânticos «que a terra inteira»; Manual de Oração da manhã e da noite; Ordinário da Missa em Kimbundo; Livro de Cânticos em Kimbundo «Tudizole»; ritual de Batismo das Crianças em Kimbundo; Livro de Cânticos «sakidilenu» em Kimbundo; Os Católicos e as Testemunhas de Jeová. Em 1975 numa Circular da Missão dos Capuchinhos, se anunciava a publicação de um novo Catecismo elementar em língua Kikongo feito pelo Padre Rafael Del Fabbro conhecedor da língua kikongo¹⁵⁴.

Estas ações manifestam a atitude e a resposta que é dada ao grande apelo da Igreja angolana aos Capuchinhos, em tornar frutífero o dinamismo missionário já começado há muitos anos pelos frades. É também uma oportunidade para afirmarmos que a CEAST não se acomodou com a preocupação do Magistério que enviava e apelava à necessidade de anunciar o Evangelho a todas as nações. Assim como nesta área do País e nesta Igreja particular que, de uma diocese, acabou por ser dividida em duas grandes Dioceses; houve este empenho de dinamização evangelizadora assim também outros grupos de missionários e em outras regiões de Angola, não pouparam esforços e com diferentes métodos, tudo fizeram para que a missão se realizasse.

3.3.2. Os Institutos Religiosos femininos e a Pastoral catequética

Uma palavra de consideração reconhecida deve ser dada aos vários grupos religiosos femininos que sempre estiveram ligados aos missionários e à Diocese. Não nos debruçaremos longamente sobre elas, mas não retiramos o mérito que lhes é devido e simplesmente fazemos referência delas para dizer que uma ação conjunta, como um organismo vivo, tal como elas se empenharam permitiu uma acção pastoral mais coesa.

Salientar as Irmãs da Misericórdia de Verona, nas Missões de Damba, Maquela, Kangola, Uíje. Um grupo maioritariamente de nacionalidade italiana, que empenhadas na

¹⁵⁴Cf. Luis Scarpa, «Relazione sullo Stato della Missione», em *Actod da Missao Regular dos Capuchinhos de Veneza* (1973), 35.

Catequese, pastoral, e sobretudo na questão da saúde, tudo sempre fizeram para que na conjuntura da ação diocesana de pastoral nada faltasse a sua realização.

As irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, em Luanda e Mbanza Kongo, empenharam-se quer na catequese, na saúde, como na educação, e exerceram o serviço pastoral com abnegado esforço de doação aos jovens, adolescentes e crianças.

As Irmãs Filhas de Jesus que desde Negage, Uíje, Luanda, Lubango, kikulungo e agora no Zaire, estão presentes em todas as áreas pastorais e sociais.

As Irmãs filhas de Maria Auxiliadora (salesianas), em Luanda, em tudo se empenharam, sobretudo na pastoral catequética e educação das jovens; as Irmãs Salésias, em Sanza Pombo, Negage, Puri, Luanda, Huambo, não cessaram esforços na pastoral com os doentes e a catequese, na atenção aos pobres.

As Irmãs do Bom Pastor que em Kamabatela, Samba Caju, Uíje, Luanda e Lubango, presente quer na saúde quanto na educação e catequese exercem a tarefa pastoral sem igual. As Irmãs do divino Pastor na pastoral catequética e o cuidado dos doentes. As Irmãs Reparadoras, na catequese e liturgia.

É um conjunto de ação e intervenção de diferentes grupos que em unanimidade se empenharam e se empenham em responder ao grande desafio da missão da Igreja. Com isso, sim, podemos afirmar que a Igreja de Angola, em particular a Diocese do Uíje, com o seu pastor, missionários e missionárias, respondem ao mandato do Senhor e fazem-no, tendo em conta a situação concreta do homem e das suas circunstâncias de modos que o anúncio do Evangelho, como vimos, se revestiu de um empenho que englobou ações sociais de promoção humana concretas, podendo atingir o âmago da estrutura da pessoa.

3.3.3. O programa das catequese intensivas e seus contornos

No mundo de hoje, observa-se, ao nível quase de todas as dioceses, uma excessiva preocupação em realizar o sacramento do matrimónio e um elevado número de não baptizados e não católicos acorrem às paróquias pedindo a frequência do curso dos noivos. Para estes casos, verificámos que se abriu uma excepção, permitindo que também frequentassem a catequese intensiva. O Directório do Catequista para a Diocese do Uíje, no seu capítulo VI sobre a formação dos catequistas, no artigo 37, diz que a formação de emergência é aquela que se ministra em cursos abreviados, a Catequistas que não frequentam a escola a fim de lhes dar uma formação próxima em ordem ao exercício da

sua missão. Esta formação tem de ser dada na Paróquia, Missão ou região catequética, com ajuda dos missionários e dos catequistas diplomados; também se aplica à preparação das lições que se hão-de ministrar aos alunos de catequese¹⁵⁵.

A nosso entender, há uma má interpretação deste artigo e que se generalizou a nível da Conferência, permitindo a realização de cursos intensivos de catequese que rompem e ignoram o esquema eclesial do cumprimento do catecumenado e que, como consequência, facilita uma vivência cristã muito superficial e pouco comprometida. Observamos a redução do tempo de catecumenado de três anos a três meses.

Criaram-se grupos paroquiais de dinamização para o curso de noivos, dando maior destaque e preocupação a esta formação em vista à realização do sacramento do Matrimónio e banalizou-se o essencial da vida cristã, que é o itinerário catecumenal.

¹⁵⁵ Diocese do Uíje, *Directório do Catequista*, 37.

CONCLUSÃO

O caminho que percorremos em torno da reflexão sobre a catequese familiar no contexto da Igreja angolana permitiu-nos reconhecer a acção e o posicionamento da Igreja na realização da vocação e missão no meio do mundo. Uma vocação que implica necessariamente um abrir-se para os horizontes das diversas culturas e povos, transmitindo o evangelho e fazendo dele vida para os mesmos povos.

Este processo de encontro com os outros povos e a proposta do Evangelho que é apresentada, muitas vezes se realiza com serenidade e outras com tensões já que o mesmo anúncio é acompanhado e revestido da cultura de quem o acompanha e propõe. O que efetivamente reconhecemos e queremos afirmar é que no percurso da história da evangelização em Angola e para a sua implantação na cultura e na vida do povo neste mesmo território, a catequese feita com os padrões originais da Igreja deu fruto e fruto positivo. E este percurso dá-se através dum processo de catecumenato, por isso reconhecemos e consideramos o catecumenato como um período e processo indispensável para se propor e anunciar o evangelho àqueles que o aceitaram, o primeiro anúncio, e a sua atuação mais eficiente acontece no seio da família.

Como em todas as sociedades, a família desempenha um papel singular na instrução, educação e orientação dos filhos; a catequese inserida no projecto familiar em Angola deu uma vez mais o fruto desejado. Não foi um processo fácil encontrar no seio da família e da comunidade líderes formados e disponíveis para o efeito, mas, graças a Deus e com muita paciência, foram surgindo para realização da mesma missão, para o papel do catequista comunitário, homens e mulheres que assumiram a sua vocação cristã com afínco e se dispuseram ao serviço dos outros para que a fé vivida e transmitia na comunidade desse fruto.

A exemplo das comunidades nascidas em torno do Ressuscitado, que com o seu exemplo e atitude contagiavam quantos a elas se aproximavam, assim a missão evangelizadora da Igreja em Angola realizada no seio da família, respeitando e implantando o catecumenato no seio das comunidades nascentes, foi e tem sido um caminho a se perpetuar mesmo se se espera por atualizações. Porque a tendência minimista e relativista da nossa sociedade tende a reduzir consideravelmente o tempo do catecumenato, e fere as orientações do Magistério que cuidadosamente se mantém atento à instrução pedagógica da Igreja.

No olhar crítico que desejamos fazer, percorremos com a Igreja a história da evangelização de Angola e nela reconhecemos a concretização da missão da Igreja efetivada na implantação do processo do catecumenato como o caminho requerido e experimentado por toda Igreja; reconhecemos o insubstituível papel da família neste processo catecumenal e constatamos a tendência de reduzir e reestruturar o caminho do catecumenato.

Como batizados estamos empenhados e desafiados a trabalhar como Igreja e família no processo sempre renovado guiado pelo Magistério da Igreja para que a missão da Igreja, que é nossa missão também, não se desvaneça no tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Textos do Magistério

Bento XVI, *Deus Caritas Est*. Prior Velho: Paulinas, 2006.

CEAST. *A Igreja em Angola entre a Guerra e a Paz, Documentos Episcopais 1974-1998*. Luanda: Secretariado de Pastoral, 1998.

_____. *Carta Pastoral sobre a Santificação do Povo de Deus*. Huambo, 08.04.1978.

_____. «Firmes na esperança». Em *Carta Pastoral, reflexão dez anos após a independência*. Luanda, 27.02.1986.

_____. *Nota Pastoral Sobre a Guerra e a Liberdade religiosa*. Luanda, 22 de 11 de 1976.

_____. *Mensagem Sobre a Paz e a Conversão*. Luanda, 07.03.1993.

Comissão Episcopal da Educação Cristã. *Curso de Iniciação: livro do formando*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 1999.

Conferencia Episcopal Española. *La Iniciación Cristiana: reflexiones y Orientaciones*. Madrid, 1998. (acedido a 5 de abril de 2022. <https://www.conferenciaepiscopal.es/>).

Conferência Episcopal Italiana. *A verdade vos Tornará Livres: Catecismo para Adultos*. Traduzido por Maria da Graça Ferrão e António Maia da Rocha. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1995.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Carta Pastoral dos Bispos Portugueses Sobre os cristãos leigos na comunhão e missão da Igreja em Portugal*. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1989.

Conselho Pontifício para Família. *Sexualidade Humana, Verdade e Significado*. Lisboa: Paulinas, 1996.

Concílio Ecuménico Vaticano II. *Documentos Conciliares*. Braga: Editorial A.O., 1992).

Diocese do Porto. *Orientações diocesanas de Pastoral*. Porto: Coimbra, 1991.

João Paulo II. *Fidei Depositum*. Em *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

_____. *Familiaris Consortio*. Lisboa: editora rei dos Livros, 1993.

IMBISA. *Carta Pastoral sobre a Justiça e Paz*. Harare, 10.09.1988.

Insuelas, João Baptista Lourenço. *Curso de Patrologia: História da Literatura Antiga da Igreja*. Braga: Escola tipográfica das Oficinas de São José, 1943.

Pontifício Conselho para a Família. *Carta dos Direitos da Família*. Lisboa: Editora Rei dos Livros, 1993.

Obras da Patrística

Agostinho. Trindade – *De Trindade*. Traduzido por Arnaldo do Espírito Santo, Domingos Lucas Dias, João Beato, Maria Cristina de Castro, Maria de Sousa Pimentel. Coimbra: Edições Paulinas, 2007.

Ambrósio de Milão. *Explicação dos símbolos, sobre os sacramentos, sobre os mistérios, sobre a penitência*. Traduzido por Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva. Brasil: Paulus, 2ª Edição, 2005.

Dicionários/Enciclopédias

Chevalier, Jea e, Alain Gheerbrant. *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema, 1982.

Lodi, E. «Iniciación – Catecumenado». Em *Diccionario Teologico Interdisciplinar*, editado por L.Pacomio, G. Ferretti, G. Ghilberti, G. Moioli, D.Mosso, G. Piana, L. Sereneta, vol. 3: 146-158. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982.

Neto, José Pereira. «Iniciação». Em *Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura*, editado por António Pereira Dias Magalhães e Manuel Alves de Oliveira, vol. 10:1475-1479. Lisboa: Editorial Verbo, 1970.

Xavier, Rita Lobo. «Família, direito e lei». Em *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*. Braga, Principia, 2003.

Estudos

Altuna, Raul Ruiz de Asúa. *Cultura Tradicional Bantu*. Portugal: Paulinas, 2014.

Tempels, Placide. *La Philosophie Bantue*. Paris, Présence Africaine, 1962.

Andres, Miguel Paya. *A Paróquia, comunidade Evangelizadora: Curso de renovação paroquial*. Évora: Centro social Paroquial de S. Brás, 1990.

Araújo, Duarte. *O Irmão do Filho Pródigo* (Porto: Edição do Autor, 2018).

Assunção, Maria. *Relações Sociais dos géneros na família incidência da educação formal da mulher, “caso de Angola na província de Luanda”*. Roma: s.e. 2003.

Baur, John. *2000 Anos de Cristianismo em Africa. Uma História da Igreja Africana*. Traduzido por Afonso Teixeira. Lisboa: Paulinas, 2002.

Bispos das Igrejas Cristãs de Angola. *Mensagem Pastoral sobre a Paz e a Concordia, documento Ecuménico*. Luanda 06.06.1975.

- Blank, Christiane E. *Construir o Matrimônio na Pós-Modernidade: Novas Estratégias construtivas e interativas para a Convivência Matrimonial*. São Paulo: Paulus, 2006.
- Bollin, António – Gasparini, Francisco e Rocha, Georgino, *Catequese na vida da Igreja: Notas de História*. Lisboa: Paulinas, 1996.
- Borges, Anselmo, *O Mundo e a Igreja que Futuro?*. Lisboa: Gradiva, 2021.
- Cabecinhas, Alberto, *No Coração da Igreja: Eucaristia, Comunidade e Missão*. Lisboa: Paulus, 2020.
- Cameiro, Jaime Madaleno, *Código da família de Angola*. Luanda: Mensagem, 2010.
- Comité de Redação da Declaração Universal dos Direitos Humanos. *Declaração Universal dos Direitos do Homem*. Bélgica: Bruxelas, 10 de dezembro de 1948.
- Congar, Yves, *No Meio da Tormenta*. Lisboa: União Gráfica, 1970.
- _____, *Na Igreja deste tempo*. Lisboa: União Gráfica, 1969.
- _____, *Introdução ao mistério da Igreja*. Paris: Editora Herder, 1966.
- _____, *Os Leigos na Igreja*. São Paulo: Editora Herder, 1966.
- Comblin, José. *Jesus Cristo e a sua Missão: Breve Curso de Teologia*. São Paulo, Edições Paulinas, 1985.
- _____. *O Espírito Santo e a sua Missão: Breve Curso de Teologia*. São Paulo, Edições Paulinas, 1984.
- Domingues, Manuel Pelino. *Formação Cristã de Pais*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1989.
- Dionísio, Borobio, *Sacramentos y Família*. Madrid, Ediciones Paulinas, 1993.
- Domenech, Antonio. *Jesús de Nazaret: Cristologia para Catequistas*. Madrid, Editorial CCS, 1987.
- Emílio, Alberch. *Catequese Evangelizadora: Manual de Catequética Fundamental*. São Paulo: editora salesiana, 2007.
- Fernando Alvarez, Luís. *Celebración Cristiana y Catequesis: Introducción a la Liturgia para Catequistas*. Madrid, Editorial CCS, 1987.
- Ferreira, Costa Cândido. *Cem Anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola, 1866-1966*. Nova Lisboa: edição dos Espiritanos, 1970.
- Gabriel, Manuel Nunes. *Angola Cinco Séculos de Cristianismo*. Braga: Editora Pax, 1978.
- Goncalves, Manuel. *A Igreja entre a Guerra e a Paz: Documentos Episcopais*. Luanda: Edição da CEAST, 1998.

- Instituto Superior de Catequética de Nimenga. *Bases para una Nueva catequesis*. Salamanca, Ediciones Segueme, 1973.
- Kakulo, Firmino Ernesto e Morais, Alberto de. *Angola uma História Uma perspectiva*. Pádua Itália: Propaganda, 2015.
- Kasper, Walter. *O Evangelho da Família*. Prior Velho, Edições Paulinas, 2014.
- Lauret, Bernard e Refoulé, François, *Iniciación a la práctica de la Teología*. Madrid, Ediciones Cristiandad, 1986.
- Mourisca, Francisco da Mata. *África Renascida*. Uije: Fundação ajuda a Igreja que Sofre, 2004.
- _____. *Angola: Escândalo da Paz*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2001.
- _____. *Apostolado da Oração e Pastoral dos Leigos*. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1965.
- _____. *Apostolado da Oração e pastoral dos Religiosos*. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado de Oração, 1965.
- _____. *Caminhos do Homem*. Lisboa: Edição da SEDIPU, 1989.
- _____. *Maravilhas da Fé*. Lisboa: Difusora Bíblica 2012.
- _____. *Na hora dos Leigos*. Fátima: Gráfica de Leiria, 1968.
- _____. *Protagonistas do Terceiro Milénio*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2000.
- Ngaba, André Vela. *Angola: Voz profética dos Bispos da CEAST (1975-2002); uma antropologia Teológica para a educação para a Paz*. Mbanza Congo: SEDIECA, 2017.
- Nteka, Afonso. *Construtores do Reino: Reflexão sobre a acção evangelizadora dos Catequistas na Diocese do Uije (Angola)*, editado por Vicente Carlos Kiaziku. Pádua: Secretariado Missioni Cappuccini, 2003.
- Rego, António da Silva. *Lições de Missiologia*. Lisboa: Centro de Estudos Políticos e Socias, 1961.
- Santos, Armindo dos. *Antropologia geral, etnografia, Etnologia, antropologia social*. Lisboa- Portugal, Universidade Aberta, 2002.
- Saraceno, Chiara e Dalnini, Manuela. *Sociologia da Família*. Lisboa, Plantano, 2003.

Secretariado Diocesano da Educação Cristã do Porto. *Curso de Iniciação à Catequese*. Porto, SDEC, 2007.

Secretariado Diocesano dos cursos de Cristandade. *Temas para um Itinerário Catecumenal*. Porto, Tipografia do Carvalhido, 1986.

SPDU. *Janela para entrar e agradecer a Deus com a Diocese do Uíge*. Uíge: SEDIPU, Uíje 2017.

Teixeira, Adelino e Reis, Fátima. *Sociologia*. Lisboa, Areal editores, 2010.

Vilarelho, Dinis de. *Matrimónio*. Gondomar, figueirinhas 2018.

Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. *Liturgia e Catequese em Roma no século III*. Traduzido por Maria da Gloria Novak. Petrópolis: Vozes, 2019.

Artigos

Carvalho, José Carlos Silva. «O Catecumenato no Evangelho de Marcos em Perspetiva teológica». Em *Belo Horizonte*, vol. 3, n. 2, 2021, 485-504.

Cordeiro, José Manuel. *Da Liturgia à Vida*. Em *Didaskalia*. Vol. 44, n. 2, 2014, 203-213. (<https://doi.org/10.34632/didaskalia.2014.2427>).

Neves, Joaquim Carreira das. *A «catequese» como Chave Hermenêutica dos Evangelhos Sinópticos*. Em *Didaskalia*, vol. 28, n.2, 1998. 93-136.

Neves, Tony. *As Igrejas e o Nacionalismo em Angola*. Em *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*. n. 13/14, 2007, 511-526.

Pinho, de Arnaldo. *Reiniciação Cristã de Adultos, teoria e práxis*. Em *Humanística e Teologia*. Vol. 1, n. 2, 1980, 143-167. (<https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.1980.1.2>)

Rodrigues, Luís M. Figueiredo. «A catequese ao serviço da Iniciação Cristã». Em Sacardo, Graciano. «Note sula Metodologia Missionaria dei Cappuccini al Congo e Al L'Angola». Em *Italia Franciscana*, vol. 55, 1990.

Secretariado Nacional de Educação Cristã, Fórum de Catequese. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2003.

_____. *As Igrejas e a Mediação Estética nos Contextos de Iniciação Religiosa*. Em *Rever*, nº 1, jan/abr 2018, 102. (<http://dx.doi.org/10.23925/1677-1222.2018vol18i1a6>).